

Revista Adventista

MAIO 2017

A parábola do RICO e de LÁZARO

Ano 78 - Nº 840 - €1,90



1 646188 617051

12 O CÓDIGO DA PROFECIA
Agora pode interpretá-lo!

26 ANJOS A TRABALHAR NA
ÁFRICA DO SUL
Uma vida de pioneiro.

34 SANGUE NO ALTAR
O significado do santuário.

“SUPREMO AMOR POR DEUS E
DESINTERESSADO AMOR MÚTUO –
EIS O MELHOR DOM QUE O NOSSO
PAI CELESTIAL PODE CONCEDER.
ESTE AMOR NÃO É UM IMPULSO, MAS
UM PRINCÍPIO DIVINO, UM PODER
PERMANENTE.”

ELLEN G. WHITE, *ATOS DOS APÓSTOLOS*,
P. 394, ED. P. SERVIR.



VIVER MAIS
A ESPERANÇA

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

Antônio Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail revista.adventista@pservir.pt

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico

Sara Calado

Diagramação

Marta Rodrigues Pereira

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão

V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.



ESPIRITO DE PROFECIA

22

Ellen White e a Bíblia

Muitas pessoas se interrogam sobre a relação existente entre os escritos de Ellen White e a Bíblia.



TEOLOGIA

29

Sangue no altar

Concebido pelo próprio Deus, o santuário era um lugar de adoração que inspirava reverência; mas, mais do que isso, era um centro educativo.



INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

24

O que é o pecado imperdoável?

A dificuldade desta passagem reside na compreensão da natureza do pecado que é descrito como sendo imperdoável.

04 A PARÁBOLA DO RICO E DO LÁZARO

EDITORIAL

05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS NACIONAIS

20 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

06 A PARÁBOLA DO RICO E DE LÁZARO > ARTIGO DE FUNDO

A parábola do rico e de Lázaro tem, desde há muito, deixado perplexos os estudantes da Bíblia.

13 O CÓDIGO DA PROFECIA > BÍBLIA

Entender os períodos de tempo mencionados no livro de Daniel ajuda a ver a mão de Deus.

26 ANJOS A TRABALHAR NA ÁFRICA DO SUL > HERANÇA ADVENTISTA

Conheça a inspiradora história do pioneiro David Fletcher Tarr.

34 E EIS QUE TUDO ERA MUITO BOM > DEVOCIONAL

Como era o mundo quando Deus o criou?





A Par3bola do Rico e de L3zaro

Entre os v3rios artigos que comp3em esta revista, gostaria de chamar a at3n3o do prezado Leitor para o artigo de fundo, que apresenta um estudo sobre a Par3bola do Rico e de L3zaro contada por Jesus (Lucas 16:19-31). Esta 3 uma par3bola bem diferente das outras que Cristo contou. O autor do referido artigo faz a seguintes perguntas: Por que raz3o Jesus contou uma par3bola com tantos detalhes, se estes n3o fossem importantes? E por que raz3o utilizou Ele detalhes teologicamente desajustados? Iremos, ao longo da leitura do artigo, descobrir as raz3es que moveram Jesus. Acredito que Cristo contou tal par3bola porque ela tinha li3es importantes n3o s3o para os grupos religiosos da Sua 3poca, mas tamb3m para os crentes dos dias de hoje. Infelizmente, esta par3bola pode dar lugar a interpreta3es erradas.

Havia um desentendimento teol3gico entre as autoridades religiosas do tempo de Jesus. Uns acreditavam na ressurrei33o e outros n3o. Nos dias de hoje continua a n3o existir unanimidade na doutrina sobre escatologia pessoal das denomina3es crist3s. Certas denomina3es usam a Par3bola do Rico e de

L3zaro para fundamentar a sua cren3a na imortalidade da alma e na exist3ncia do inferno eterno. Outras denomina3es consideram que esta par3bola foi apenas um modo simb3lico de lembrar que o ser humano deve decidir o seu destino eterno nesta vida e que a ressurrei33o 3 a 3nica via para a imortalidade.

Deus, ainda no jardim do 3den, fez uma advert3ncia ao Homem: “Mas do fruto da 3rvore que est3 no meio do jardim, disse Deus: N3o comereis dele, nem nele tocareis, para que n3o morrais” (G3nesis 3:3). Mas logo a seguir vemos a interven33o de Satan3s: “Disse a serpente 3 mulher: Certamente n3o morrereis” (G3nesis 3:4). Satan3s enganou Ad3o e Eva com a mentira de que a morte n3o existia. Ainda hoje, muitos acreditam na mentira do inimigo. Acreditam que, quando um ser humano morre, sai a alma do corpo. Creem tamb3m que, se o comportamento de uma alma n3o lhe permitiu alcan3ar a salva33o, o seu destino 3 o inferno, onde ir3 sofrer eternamente. Mas a B3blia n3o se pode contradizer e n3o podemos retirar os textos do seu contexto. A B3blia diz: “Tudo quanto te vier 3 m3o para fazer, faze-o conforme as tuas for3as;

porque no *Sheol*, para onde tu vais, n3o h3 obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:10).

A Par3bola do Rico e de L3zaro deve, como qualquer outro texto, estar em harmonia com o seu contexto e com o sentido geral das Escrituras. Um dos princ3pios mais importantes de interpreta33o b3blica 3 que cada par3bola tem como objetivo ensinar uma verdade fundamental. Ora, a Par3bola do Rico e de L3zaro refere-se 3queles que s3o avarentos, que amam as riquezas acima de tudo e que, por isso, deixar3o de entrar no C3u. 3 preciso lembrar que, na 3poca de Jesus, acreditava-se que a posse de riquezas significava a b3n33o de Deus. Na Par3bola do Rico e de L3zaro, Jesus tamb3m denunciou os mitos que circulavam na sociedade da sua 3poca e que contradiziam a verdade b3blica sobre o estado dos mortos. Ao mesmo tempo, Ele refor3ou a verdade escritur3stica sobre a ressurrei33o e enfatizou o facto de que s3o temos esta vida para decidir o nosso futuro eterno. ✦

Pr. Ant3nio Rodrigues
presidente da UPASD

CALENDÁRIO UPASD



DIAS ESPECIAIS

Maio

06-27	Mês para a Consciencialização das Dependências
20	Dia da Saúde
21-28	Campanha da ADRA
27	Dia Mundial de Oração para as Crianças em Risco

Junho

03	Dia da Escola Sabatina, do Estudo da Bíblia e dos Cursos por Correspondência
10	Dia Internacional dos Ministérios da Mulher
17	Dia do Refugiado

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Maio

01-05	Associação da Moldávia (RU)
08-12	Associação Belga-Luxemburguesa (FBU)
15-19	Reunião Anual da Divisão Inter-Europeia (EUD)
22-26	Associação do Norte de França (FBU)
29-02/06	Associação Baden-Wuerttemberg (SGU)

Junho

05-09	Associação da Suíça Alemã (SU)
12-16	Centro Multimédia Stimme der Hoffnung (EUD)
19-23	Clínica La Lignière (EUD)
26-30	Universidade Adventista de Friedensau (EUD)

PRESENÇA NOS MEDIA



ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

15/05	Segunda-feira
12/06	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 10h30 // ANTENA 1, a partir das 06h

14/05	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



BANCO DE LEITURA

O Desejado de Todas as Nações

Ellen G. White

Dando continuidade ao projeto "Folhas de outono", a Publicadora SerVir decidiu publicar uma nova edição em Português do livro de Ellen White intitulado *O Desejado de Todas as Nações*. Sendo uma biografia de Jesus de Nazaré, ele não é simplesmente mais uma obra que expõe a Sua vida e a Sua obra. Ellen White procurou destacar nesta biografia de Jesus o significado profundo da Sua existência. Nela, Jesus surge não como mero personagem histórico, mas como o Messias de Israel e o Salvador do mundo. A visão que a autora transmite sobre Cristo é guiada não apenas pela sua leitura dos Evangelhos e da abundante literatura biográfica sobre Jesus, mas também pelas revelações que Deus lhe deu em visão sobre a vida e a obra de Cristo. Orientada pelo Espírito Santo de Deus, Ellen White soube destacar o significado cristológico do evento histórico constituído pela vida de Jesus de Nazaré. Não admira que assim tenha sido, pois o objetivo da autora foi suscitar no seu leitor a fé. Uma fé viva. Uma fé dedicada a Jesus, o Cristo.

Para atingir o seu fim, esta obra foi estruturada de forma complexa. Sendo composto por 87 capítulos, o livro de que falamos divide-se em 9 secções. Todas elas nos apresentam de um modo extraordinário a vida e obra de Jesus.

Amigo Leitor, permita-me que me dirija a si com toda a ousadia. Este livro deve ser lido por todos os Adventistas do Sétimo Dia. Se tem interesse pelas coisas de Deus, se pretende desenvolver uma relação mais sólida com Jesus, então não deixe de ler este livro. Mas faça mais do que isso. Ofereça-o àqueles que fazem parte do seu círculo de influência. Estou a referir-me aos seus familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho ou de escola. Eles também merecem conhecer Aquele que é o Desejado de todas as nações. Este livro foi publicado a um preço muito convidativo precisamente para que os membros da nossa Igreja possam fazer dele um instrumento missionário. Assim, aproveite a oportunidade. Só Deus sabe o que poderá fazer um exemplar desta obra nas mãos sinceras daqueles que amamos e que ainda não se entregaram a Cristo. ✨



Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

A parábola do RICO e de LÁZARO

... e as histórias de revelações vindas do Além¹

A parábola do rico e de Lázaro² tem, desde há muito, deixado perplexos os estudantes da Bíblia. Para os condicionalistas, como eu, que acreditam que a morte é um estado de inconsciência e o inferno é um lugar de destruição total, ela coloca dois desafios: (1) ela retrata uma contínua consciência após a morte; e (2) o fogo nela descrito atormenta, em vez de destruir.

Embora seja frequentemente citada como seu suporte, a parábola não presta apoio à doutrina da imortalidade da alma. Esta história não retrata almas imortais que flutuam no céu ou no inferno, mas pessoas reais dotadas de plenas capacidades físicas que lhes permitem ver, ouvir, falar e sentir calor e frio. De facto, a existência dos dois protagonistas parece ser uma continuação completamente invertida da sua vida antes da morte, apenas mudando o local onde se encontram.

A parábola é única, sem qualquer relação direta ou remota com outra história bíblica. Darrell Bock chamou-lhe “a mais complexa” das histórias contadas por Jesus.³ Por essa razão, os académicos de várias proveniências consideram que ela não deve ser vista como um roteiro sobre a vida no Além.⁴

As anteriores defesas

Seja como for, a parábola é muito difícil de encaixar numa visão condicionalista. A principal defesa dos condicionalistas no que toca a esta parábola tem sido utilizar a abordagem de Adolf Jülicher às parábolas, isto é, afirmando-se que as parábolas são histórias exemplares que apresentam uma determinada tese, sendo que os seus detalhes servem apenas como suportes para essa tese.⁵



Nesta parábola, a tese pode ser de que não há oportunidade para arrependimento depois da morte.

Esta estratégia de defesa tem o seu mérito, mas levanta questões difíceis. Por que razão Jesus contaria uma parábola com tantos detalhes, se estes não fossem importantes? E porque razão utilizou Ele detalhes teologicamente desajustados? A mesma tese poderia ter sido defendida usando uma linguagem muito melhor e mais adequada teologicamente. Aparentemente, algo mais profundo está aqui em causa, e a tentativa de retirar importância aos detalhes acaba por não satisfazer.

Neste pequeno estudo, eu argumento que Jesus mostra a Sua familiaridade com um género de histórias prevalecente em todo o mundo mediterrâneo antigo e desconstrói esta história, de modo a desacreditar o género e a reforçar a perspectiva bíblica sobre o estado do homem na morte.

Narrativas não bíblicas

Os académicos reconhecem que não existe um paralelo direto desta parábola na Bíblia. Eles também reconhecem que histórias semelhantes existiam em todas as culturas mediterrânicas. Dois tipos de histórias podem ser distinguidos: (1) aquelas sobre a reversão da fortuna no Além, que apresentam paralelos diretos com a parábola do rico e de Lázaro; e (2) aquelas sobre revelações vindas do Além, que oferecem um pano de fundo amplo e geral sobre as perspetivas acerca da vida depois da morte.

Histórias de reversão da fortuna: a busca por um pano de fundo semelhante. Podem ser referidas um certo número de histórias sobre a reversão da fortuna no Além. A mais conhecida é uma história popular egípcia (do primeiro século d.C.).⁶ Um mago egípcio, Si-osiris, regressa de Amente, a terra dos mortos, e é reencarnado na família pobre de Setme. Um dia, pai e filho cruzam-se com dois funerais –

um de um homem rico, cheio de homenagens fúnebres; o outro de um homem pobre, que é lançado numa necrópole comum. Ao ver isto, Setme deseja ter um fim semelhante ao do homem rico. No entanto, o jovem Si-osiris sabe que essa não é a melhor escolha. Assim, ele leva o seu pai numa visita a Amente, onde ele vê o homem rico em tormentos vividamente descritos, enquanto o homem pobre apresenta-se justificado ao lado do deus Osiris, o juiz da Humanidade.

Uma história judaica semelhante é o conto de Bar Mayan (do primeiro ou segundo século d.C.).⁷ Bar Mayan, um coletor de impostos rico e pecador, morre e recebe um esplêndido funeral. Um pobre estudioso da Torah também morre, sem ser notado, e recebe um enterro muito humilde. Isto leva um observador a questionar a justiça de Deus. Respondendo a isto, Deus revela que o destino dos dois foi revertido após a morte. Bar Mayan tinha feito uma boa ação na sua vida, pelo que recebe a sua recompensa sob a forma do seu esplêndido funeral. O estudioso pobre tinha feito uma má ação na vida, que foi expiada pelo seu funeral modesto. O coletor de impostos pode agora enfrentar os tormentos do inferno sem descanso, enquanto que o estudioso pobre enfrenta as alegrias do céu sem fim.

Ronald Hock indica uma história semelhante contada por Luciano (c. 120-180 d.C.) tendo um pano de fundo helenista.⁸ Três homens morrem e são levados para o Hades – o rico tirano Megapenthes, o pobre sapateiro Micyllus e um filósofo. No juízo, o

filósofo e o Micyllus são considerados impecáveis e são enviados para as ilhas abençoadas, enquanto Megapenthes, declarado culpado, é punido exemplarmente.

O que mostram estes contos populares? Eles mostram que o tema da reversão de fortuna na vida após a morte era comum entre diferentes culturas do mundo mediterrâneo.⁹

Relatos de revelações sobre a vida após a morte: estabelecendo um pano de fundo mais amplo. Embora as histórias de reversão de fortuna na vida após a morte formem o pano de fundo direto da parábola que estamos a estudar, precisamos de entender um pano de fundo mais vasto: a existência de histórias de revelações do Além, envolvendo um retorno da morte, dado que a parábola explora (mas rejeita) este tema. Tais histórias são muito abundantes. Eu irei discutir algumas delas aqui.

Platão (428-348 a.C.) conta a história de um soldado, Er, o Panfílio,¹⁰ que é morto numa batalha, mas revive alguns dias depois. Enquanto está “morto”, Er visita o Hades e vê um juízo em que os bons vão para o céu e os ímpios são punidos. É-lhe especificamente dito para voltar ao mundo dos vivos para relatar o que viu no Além, de modo a alertar aqueles que ainda vivem.

Plutarco (46-120 d.C.) conta uma história semelhante sobre Thespesius e Clearchus de Soli conta também uma história parecida sobre Cleonymus.¹¹ Esta última história tem um desfecho interessante. Enquanto está no Hades, Cleonymus encontra outro visitante temporário. Eles combinam que, logo

que regressem ao mundo dos vivos, irão manter o contacto.

Luciano conta outra história de regresso à vida. Um homem chamado Cleomenes fica doente. Mas o seu tempo ainda não chegou. Numa situação de troca de identidade, ele é levado ao Hades, apenas para ser informado que deveria ter sido o seu vizinho Demylus a ser trazido para o Hades. Assim, Cleomenes é enviado de volta à vida e, passado poucos dias, Demylus morre.

Tais contos, embora provenientes de um ambiente pagão, foram rapidamente incorporados na tradição judaica e cristã. O Talmud de Babilónia (escrito entre o segundo e o sexto século d.C.)¹² conta uma história apócrifa sobre o profeta Samuel, a quem alguns órfãos confiam um montante substancial de dinheiro, que ele deposita junto do seu pai, Abba. Abba esconde o dinheiro, mas morre antes de informar Samuel do seu paradeiro. Desesperado para recuperar o dinheiro que lhe fora confiado, Samuel visita Abba na terra dos mortos, é informado da localização do dinheiro escondido, devolveu-o aos órfãos, e tudo acaba bem.

Um exemplo cristão é a história de Jannes e Jambres (do primeiro ou segundo século d.C.) – dois irmãos magos – que, segundo a tradição, se opuseram a Moisés na corte do Faraó.¹³ Jannes morre. Jambres invoca o espírito de Jannes vindo do inferno através de necromancia e Jannes informa Jambres dos seus sofrimentos e da justiça do seu destino e incentiva Jambres a se arrepender.¹⁴

Portanto, vemos que histórias de reversão de fortuna na morte, semelhantes à da parábola que



estamos a estudar, bem como revelações da vida para além da morte, semelhantes ao que é pedido no final da parábola, eram muito abundantes no mundo antigo. Nós temos um claro pano de fundo de que a audiência de Jesus estaria consciente e que fornece o horizonte em que a parábola de Jesus deve ser entendida.

Três elementos comuns

Três elementos comuns ligam todos os relevantes contos não bíblicos num género literário coerente. Primeiro, as revelações sobre os mortos eram sempre contadas com o propósito de trazer algum benefício aos vivos, incluindo o arrependimento. Ao contrário da Bíblia, que declara que os mortos “nada sabem” (Ecl. 9:5), tais histórias pressupõem que os mortos sabem mais do que os vivos e que, assim, podem beneficiar os vivos.

Segundo, uma mensagem dos mortos podia vir de várias formas, como uma visita aos mortos sob forma corporal (e.g., Samuel) ou sob a forma de espíritos desencarnados (Er ou Cleomenes). Noutras ocasiões, os



mortos podiam visitar os vivos sob a forma de fantasmas ou em visões (Jannes), por sua própria iniciativa ou por serem chamados através de necromancia (Jannes). A ressurreição corporal nunca está envolvida porque as culturas pagãs em que tais contos se desenvolveram originalmente não acreditavam na ressurreição do corpo (Atos 17:32).

Terceiro, as revelações dos mortos incluíam sempre uma testemunha ocular, usualmente designada por um nome e bem conhecida. A presença destas testemunhas oculares conferia credibilidade a tais contos, que de outro modo pareceriam inacreditáveis. É interessante que a parábola do rico e de Lázaro é a única das parábolas de Jesus em que há personagens dotadas de nome.¹⁵

Tendo em consideração este pano de fundo, podemos agora centrar a nossa atenção na parábola.

A primeira parte da parábola – Desconstruir para desacreditar

A parábola tem duas partes: (a) o pedido do rico para que Lázaro alivie a sua sede e (b) o seu segundo pedido para que

Lázaro seja enviado aos seus cinco irmãos vivos. Bauckham sugere que, frequentemente, o ponto em que uma história se desvia do rumo esperado é precisamente o ponto importante.¹⁶ Agora vamos ver como, tanto a primeira parte, como a segunda parte da parábola se desviam de forma muito importante das histórias sobre as supostas revelações vindas do Além e vamos avaliar a importância de tais desvios.

A primeira parte da parábola começa como um típico conto sobre reversão de fortuna – um rico e um pobre morrem, e na morte a sua fortuna é revertida. Apesar deste começo convencional, algumas peculiaridades começam imediatamente a perturbar o leitor.

Primeiro, Lázaro, quando estava vivo, tentava “alimentar-se” das migalhas que caíam da mesa do rico (Lucas 16:21).¹⁷ O verbo grego *chortazô* não significa “alimentar-se”, mas “ser cheio”, “satisfazer-se”¹⁸ ou ser totalmente cheio com comida. Pode alguém ser realmente cheio com migalhas que caem de uma mesa?

Segundo, quando Lázaro morre, ele é levado para “o seio de Abraão” (Lucas 16:22). O que é o seio de Abraão? A frase aparece apenas aqui. A maioria presume que se trata de uma outra designação do céu.¹⁹ No entanto, na parábola ela aparece como uma descrição literal: o homem rico olha para cima e vê “ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio” (Lucas 16:23). Estão os mortos no seio de Abraão? Quantos mortos podem caber lá?

Terceiro, quando o rico viu Abraão à distância, ele “ergueu a voz” até ele (Lucas 16:24). A

palavra grega é *phonizô*. Ela significa “chamar”,²⁰ e não expressa qualquer sentido dramático. Uma pessoa sob tormento severo, como era o caso do rico, teria “berrado” ou “gritado” (em grego, *krazô*), ou pelo menos chamado com uma voz cheia de dor. Mas o rico não faz isso. Ele levanta a sua voz apenas o suficiente para ser ouvido, não de forma aguda, talvez para não perturbar o “pai Abraão”.

Quarto, o rico no Hades experimenta o tormento (Lucas 16:24). A palavra grega *odunômai* e a palavra cognata *odunê* são usadas outras quatro vezes no Novo Testamento²¹ e referem-se a angústia emocional, desgosto e mágoa.²² Assim, o rico encontra-se no meio de chamadas de fogo literais, mas experimenta angústia *emocional*, que ele tenta abrandar com água *literal*!

Quinto, para aliviar a sua dor, o rico pede que Lázaro “molhe na água a ponta do seu dedo” (Lucas 16:24) e lhe refresque a língua. Ele podia ter pedido um balde de água – ou, pelo menos, que Lázaro levasse nas mãos alguma água ou que encharcasse a sua veste em água. Quanta água pode a ponta de um dedo levar? E continuaria essa água no dedo fresca, enquanto era levada através dos fogos do tormento? Aqui Joseph Fitzmyer vê uma hipérbole para sublinhar a severidade do tormento.²³

Sexto, o rico espera que essa quantidade minúscula de água “refresque” a sua língua (Lucas 16:24). O termo grego é *katapsuchô*, uma palavra composta construída pelo verbo *psuchô* “refrescar” e a preposição prefixa *kata* que serve para tornar a ação

mais enfática.²⁵ Para ilustrar o sentido desta palavra, posso dizer que em grego moderno, *katapsuchô* refere-se ao comparimento do frigorífico que congela a comida. Portanto, o rico espera que aquela minúscula quantidade de água, levada pela ponta do dedo de Lázaro através dos fogos atormentadores, arrefeça a sua língua e apazigue a sua angústia emocional!

Por que razão Jesus usa estas descrições tão estranhas na sua parábola? E de forma tão detalhada? Certamente que não se tratam apenas de adereços. Nem são accidentais.

Eu gostaria de propor que tais descrições estão tingidas de sarcasmo e visam desacreditar o tipo de género literário que elas emulam, isto é, o vasto conjunto de histórias de supostas revelações da vida para além da morte. O sarcasmo é frequentemente a melhor ferramenta para desconstruir um sistema de pensamento e é usado noutras partes da Bíblia.²⁶

A segunda parte da parábola – Desconstruir para reforçar a perspectiva bíblica

Em contraste com a primeira parte da parábola, a segunda é solene e pungente. Aqui Jesus toma posição sobre os mortos e sobre as supostas visitas dos mortos aos vivos.

Notámos que todas as histórias de culturas não bíblicas partilhavam três características comuns. As revelações dos mortos (a) podem esclarecer os

vivos; (b) não incluem a ressurreição; e (c) incluem testemunhas oculares. Jesus desconstrói todos estes três pontos.

Primeiro, quando o rico pede que Lázaro seja enviado aos seus cinco irmãos vivos para os alertar, ele está confiante que tal será assim: “Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes a casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho; a fim de que não venham, também, para este lugar de tormento” (Lucas 16:27 e 28).

A resposta choca-o: “Têm Moisés e os profetas: ouçam-nos” (Lucas 16:29). É evidente que o testemunho das Escrituras (“Moisés e os profetas”) é mais do que adequado.

O rico responde: “não” (Lucas 16:30). O termo grego *ouchi* não é uma simples negação, mas um enfático “não!”. O rico, que aceitou, sem queixas, o seu miserável destino, bem como a recusa de Abraão de lhe proporcionar alívio, não pode aceitar que uma revelação dos mortos para nada conte no sentido de promover o arrependimento dos rebeldes. A sua incredulidade reflete, provavelmente, as incredulidade das massas, que também acreditavam na eficácia das revelações dos mortos.

Para enfatizar este ponto, Jesus repete a declaração com mais ênfase: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão-pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite” (Lucas 16:31). As supostas revelações dos mortos não podem trazer o arrependimento; apenas a obediência às

Escrituras o pode fazer. “Se não ouvem a voz de Deus na Sua Palavra, o testemunho de alguém que se levantasse de entre os mortos não seria atendido.”²⁷

Do ponto de vista de uma perspectiva interbíblica, há aqui uma ligação com a ressurreição de Lázaro, o irmão de Maria e Marta. Os Fariseus tinham rejeitado o testemunho das Escrituras sobre Jesus, bem como a pregação e o ensino bíblicos de Jesus. Tendo rejeitado isto, quando Lázaro foi ressuscitado dos mortos, eles rejeitaram o manifesto poder de Jesus. Em vez de crerem naquilo que Jesus fez, eles procuraram matar Lázaro (João 12:10).

Segundo, a parábola discute o caso do regresso dos mortos. Em Lucas 16:27 o rico pede que Abraão “envie” Lázaro aos seus irmãos ainda vivos. Quando este pedido é recusado, o rico, em Lucas 16:30, reforça a declaração de que, se um dos mortos “for” à terra, os seus irmãos ouvirão. Nenhuma destas declarações fala de ressurreição. Qualquer um dos modos de comunicação entre os vivos e os mortos prevalecente nas mundividências mediterrânicas e discutidas por mim na secção sobre o contexto não bíblico seria provavelmente aceitável.

Ao pedido do rico, Abraão afirma que o único modo de uma pessoa poder voltar dos mortos é através da ressurreição corporal: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão-pouco acreditarão, ainda que algum dos mor-

A PARÁBOLA DO RICO
E DE LÁZARO, BEM
COMPREENDIDA,
LEMBRA-NOS DE QUE
A ÚNICA FERRAMENTA
CAPAZ DE TRAZER
AS PESSOAS AO
ARREPENDIMENTO
E À FÉ SALVADORA
ENCONTRA-SE NAS
ESCRITURAS, A SEGURA
E PODEROSA PALAVRA
DE DEUS. QUALQUER
COISA QUE VENHA,
SUPOSTAMENTE, DOS
MORTOS NÃO PROCEDE
DE DEUS E DEVE SER
REJEITADA.



tos ressuscite” (Lucas 16:31).

Terceiro, e talvez o mais importante, é a testemunha escolhida. Na parábola, para além de Abraão, apenas Lázaro é mencionado. Esta é a única parábola que dá nomes aos personagens. “Lázaro” é a forma grega do nome hebreu “Elieser”. Elieser era o servo em quem mais Abraão confiava e é seu único servo designado por nome (Gén. 15:2).

Na cosmologia judia, não bíblica e não condicionalista, Abraão era o ser humano dotado de maior estatuto no céu. Assim, se o céu enviasse uma mensagem para a Humanidade da parte dos mortos, o melhor candidato seria o servo em que Abraão

mais confiava: Elieser/Lázaro! É claro que a parábola não afirma que Lázaro serviu como Elieser, servo de Abraão. Mas é óbvio que seria estabelecida uma ligação entre os dois na mente da audiência de Jesus. Como tal, Elieser/Lázaro seria o candidato ideal para regressar dos mortos.

Assim, a parábola invoca a testemunha ideal de entre os mortos, mas ela não é enviada, não porque Deus não possa enviar alguém de volta ao mundo dos vivos através da ressurreição; nem porque Deus não quer ajudar os cinco irmãos do rico que precisam de se arrepender; mas porque tal não é necessário ou útil. “Se não ouvem a Moisés e

aos profetas, tão-pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite” (Lucas 16:31).

E Deus não fará algo que é desnecessário. E se Deus não faz algo agora porque essa tarefa é desnecessária, Ele também não o fez no passado e não o fará no futuro. Isto significa que todas as supostas testemunhas oculares que voltaram dos mortos para esclarecer os vivos, não foram enviadas por Deus e as suas supostas revelações não provêm de Deus.²⁸ Que extraordinária declaração! De um só golpe, com uma poderosa declaração, Jesus refuta todas as supostas revelações vindas dos mortos!

Em resumo, através da parábola do rico e de Lázaro, Jesus repete a proibição de Deuterónimo 18:10-12: “Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhan-te, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor, teu Deus, as lança fora de diante dele.”

Conclusão

Jesus contou a parábola do rico e de Lázaro para invalidar os contos populares sobre revelações dos mortos. A primeira parte da parábola mina a credibilidade desse género de literatura usando

o humor e o sarcasmo na sua descrição do Além, tal como este era compreendido em tais contos.

No entanto, o principal aspeto da parábola ocorre na sua segunda parte, onde Jesus destrói as expectativas populares refletidas no pedido do rico e enfatiza que (a) as supostas revelações dos mortos não levam ao arrependimento – é a Escritura que o faz; (b) qualquer regresso dos mortos só pode ocorrer através da ressurreição corporal, não através de qualquer outro meio; (c) não há verdadeiras testemunhas sobre o estado da morte, fora das Escrituras.

Hoje, como no tempo de Jesus, abundam contos sobre revelações do Além, seja sob a forma de experiências de quase-morte, sonho, visitas de fantasmas, ou outros meios. Mesmo nos círculos cristãos existem tais histórias e as suas revelações são mesmo usadas como testemunho para levar as pessoas ao arrependimento.

Diante de tudo isto, a parábola do rico e de Lázaro, bem compreendida, lembra-nos de que a única ferramenta capaz de trazer as pessoas ao arrependimento e à fé salvadora encontra-se nas Escrituras, a segura e poderosa Palavra de Deus. Qualquer coisa que venha, supostamente, dos mortos não procede de Deus e deve ser rejeitada. ♣

Kim Papaioannou
Pastor

Retirado da revista *Ministry* de julho de 2016.

1. As principais reflexões deste artigo vêm de Kim Papaioannou, *The Geography of Hell in the Teaching of Jesus: Gehenna, Hades, the Abyss, the Outer Darkness Where There is*

Weeping and Gnashing of Teeth (Eugene, OR: Picwick Publications, 2013).

2. A ausência de aspetos que identificam esta unidade literária como uma parábola e o uso de um nome próprio para o homem pobre (caso único nas parábolas) levou a especulações sobre se esta narrativa constitui, de facto, uma parábola. Alguns consideram que ela não é uma parábola, mas uma história verídica. No entanto, os detalhes desta parábola, tal como são discutidos neste estudo, e a sua descrição da vida além da morte não refletem a perspetiva bíblica sobre a morte. A unidade literária em questão começa com a frase: “Havia um certo homem rico”, semelhante às introduções de três outras parábolas presentes em Lucas (Lucas 14:16-24; 15:11-31; 16:1-8). Por outro lado, os versículos 19-31 contêm fortes semelhanças com vários contos populares, como veremos neste artigo. Portanto, podemos chamar a este texto de Lucas 16 uma parábola formulada segundo os exemplos de contos populares. LeRoy Froom chama-lhe, de modo interessante, uma “fábula parabólica”. LeRoy Froom, *The Conditional Faith of Our Fathers*, vol. 1 (Washington DC: Review and Herald, 1966), 239.

3. Darrel Bock, *Lucas 9:51-24:53*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1986), 1377.

4. E.g., veja as cautelas de Joel B. Green, *The Gospel of Luke* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997), 607 e 608; William Smith, *Dictionary of the Bible*, vol. 2 (Cambridge: Cambridge University Press, 1969), 1038.

5. Adolf Jülicher, *Die Gleichnisse Jesu*, 2 vols (Tübingen: Mohr Siebeck, 1888, 1889); Froom argumenta de modo eloquente seguindo estas diretrizes. É interessante que ele vê uma relação entre estas parábolas e as fábulas que circulavam nesse tempo, embora não desenvolva esse contraste, o que nós fazemos. Froom, *Conditional Faith*, 234-251.

6. O conto foi apresentado pela primeira vez por Hugo Gressman, *Vom reichen Mann und armen Lazarus: Eine literargeschichtliche Studie* (Berlin: Königlich Akademie der Wissenschaften, 1918). A história data de um manuscrito do primeiro século, mas é provavelmente mais antiga.

7. Talmud de Jerusalém, *Haggadah* 2.77.

8. Ronald Hock, “Lazarus and Mycillus: Greco-Roman Background to Luke 16:19-31”, *Journal of Biblical Literature* 106, nº 3 (Sept. 1987): 55.

9. *Ibid.*, 455-463.

10. Platão, *República*, 10.614b-621b.

11. Richard Bauckham, “The Rich Man and Lazarus: The Parable and the parallels”, *New Testament Studies* 37, nº 2 (1991), 225-246.

12. Talmud de Babilónia, *Berakhot* 18b.

13. Este conto é narrado em *Apócrifo de Jannes e Jambres*. O Génesis não indica o número e os nomes dos magos que se opuseram a Moisés, nem afirma que eles eram irmãos. A tradição judia deu-lhes os nomes de Jannes e Jambres, uma tradição refletida em II Timóteo 3:8.

14. Nós não sabemos se Jambres se arrepen-

de, porque o texto é fragmentário e falta a conclusão da história.

15. V. Tanghe considera Lázaro como sendo o enviado de Abraão, dado que Lázaro é a versão grega do nome hebreu Elieser, o servo de Abraão (Gén. 15:2; cf. 24:2). A parábola não estabelece tal ligação. No entanto, à luz das suas relações com as histórias sobre a vida para além da morte, em que uma testemunha ocular conhecida tem usualmente um papel proeminente, é provável que tal ligação entre Lázaro e Elieser fosse estabelecida na mente da audiência. V. Tanghe, “Abraham, son fils e son envoye (Luc 16, 19-31)”, *Revue Biblique* 91 (1984): 557-577.

16. Bauckham, “The Rich Man and Lazarus”, 328.

17. A não ser que seja indicado, as referências bíblicas são retiradas da Almeida Revista e Corrigida.

18. Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad., ed. e aum. F. Wilbur Gingrich e Frederich W. Danker (Chicago, IL: University of Chicago Press, 1958), s.v. “chorazō”.

19. Compare com a tradução “o lado de Abraão” de várias traduções em língua Inglesa (e.g., ESV, NIV).

20. Bauer, *Greek-English Lexicon*, s.v. *phonizō*; Henry George Liddell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*, revisto por Henry S. Jones, (Oxford: Clarendon Press, 1968), s.v. *phonizō*.

21. Lucas 2:48; Atos 20:38; Romanos 9:2; e I Timóteo 6:10.

22. Compare Génesis 44:31; Êxodo 3:7; Deuteronomio 26:14; Provérbios 29:21; Isaías 21:10; 40:29; 53:4; Lamentações 1:12; Ageu 2:14; Zacarias 9:5; e 12:10. Também Génesis 35:18 onde, embora o filho de Raquel nasça no meio da dor física do parto, ela chama-lhe Ben-Oni – *uios odunēs* = filho da mágoa – sublinhando, talvez, a sua angústia emocional, em contraste com a sua dor física.

23. Joseph Fitzmyer, *The Gospel According to Luke X-XXIV*, The Anchor Bible, vol. 28A (Garden City, NY: Doubleday, 1985), 1133.

24. Liddell e Scott, *Greek-English Lexicon*, s.v. *katapsuchō*. Liddell e Scott definem esta palavra como “frio” ou “fresco”, enquanto traduzem o adjetivo correlato *katapsuchros* como “muito frio”.

25. E.g., veja Stanley E. Porter, Jeffrey T. Reed e Matthew Brook O’Donnell, *Fundamentals of New Testament Greek* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2010), 132 e 133.

26. E.g., II Samuel 16:20; I Reis 18:27; 22:13-16; Isaías 46:6 e 7; Jeremias 10:5; 12:5; Mateus 23:24; Marcos 7:25-30; João 1:45 e 46; II Coríntios 12:13; Gálatas 5:12.

27. Ellen White, *Parábolas de Jesus* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, [s.d.]), 265.

28. A Bíblia contém várias histórias de pessoas que morreram e foram ressuscitadas, sendo a mais conhecida a de Lázaro. No entanto, nenhuma destas pessoas contou algo sobre o Além, simplesmente porque não há nada a ser contado. Os mortos “nada sabem” (Ecl. 9:5).

O código da profecia

ENTENDER OS PERÍODOS DE TEMPO MENCIONADOS NO LIVRO DE DANIEL AJUDA A VER A MÃO DE DEUS NA HISTÓRIA.

Nos anos mais recentes, alguns teólogos Adventistas começaram a aplicar ao futuro os períodos de tempo presentes em Daniel 12. Rejeitando a interpretação Adventista tradicional, que considera os três tempos e metade de um tempo (v. 7), os 1290 dias (v. 11) e os 1335 dias (v. 12) períodos proféticos já cumpridos, eles alegam que esses períodos devem ser entendidos como dias literais ainda no futuro. Para outros estudiosos, esses períodos de tempo seriam um mero recurso literário para indicar uma aparente “demora” no tempo do fim. Outro acham que essas profecias podem ser interpretadas a partir de uma abordagem múltipla. Quem tem razão?

Ao longo da sua história, os Adventistas fizeram diferentes tentativas para explicar o significado dos 1290 e dos 1335 dias de Daniel 12. De acordo com Gerhard Pfandl, que foi Diretor Associa-

do do Instituto de Pesquisa Bíblica durante vários anos, a interpretação destes versículos constitui um dos dez maiores desafios proféticos que os teólogos Adventistas enfrentam hoje. O consen-

so geral que há em relação aos 1260 dias e às 2300 tardes e manhãs não existe no caso dos 1290 e dos 1335 dias.

As interpretações Adventistas de Daniel 12:11 e 12 podem ser agrupadas em três categorias: (1) a abordagem simbólica e historicista, que é a mais aceita pelos teólogos Adventistas; (2) a interpretação literal, que coloca os eventos totalmente no passado ou no futuro; e (3) a visão idealista, que propõe que esses períodos possam estar ligados a vários eventos.

A interpretação historicista

A interpretação historicista tradicional vem de longe. Desde o tempo da Reforma, um grupo significativo de intérpretes tem estudado os períodos proféticos de Daniel usando esse método. No fim do século XVIII, Thomas

E NAQUELE TEMPO SE
LEVANTARÁ MIGUEL,
O GRANDE PRÍNCIPE,
QUE SE LEVANTA
PELOS FILHOS DO
TEU POVO, E HAVERÁ
UM TEMPO DE
ANGÚSTIA, QUAL
NUNCA HOUVE... MAS
NAQUELE TEMPO
LIVRAR-SE-Á O TEU
POVO, TODO **AQUELE**
QUE SE ACHAR
ESCRITO NO LIVRO.

DANIEL 12: 1

Newton (no seu livro *Dissertation on the Prophecies*) e John Bacon (na obra *Conjectures in Prophecies*) dedicaram bastante espaço à análise exegética das profecias de Daniel 12.

Um novo interesse pelas profecias de Daniel atingiu o seu clímax na primeira metade do século XIX graças aos movimentos millerita. William Miller e um grupo de colaboradores apresentaram a abordagem pré-milenarista mais convincente das profecias de tempo de Daniel. Para eles, Jesus voltaria antes do milénio, e não depois dele. Miller desenvolveu uma série de princípios para interpretar a Bíblia e as suas profecias. A 12ª regra hermenêutica que estabeleceu dizia que o intérprete de Daniel e do Apocalipse deve descobrir “o verdadeiro evento histórico para o cumprimento de uma profecia.” O intérprete

precisa de comparar os detalhes proféticos com os registos históricos para determinar qual o evento que cumpre de maneira literal cada palavra da profecia.

Seguindo o seu método, Miller ligou o início dos 1290 e dos 1335 anos à remoção da “abominação desoladora”, que ele identificou como sendo Roma pagã. Ele acreditava que o poder civil de Roma desfrutaria de um total de 666 anos de supremacia (de 158 a.C. a 508 d.C.). A partir desse tempo (508 d.C.), os 1290 e os 1335 anos terminariam, respetivamente, em 1798 e 1843. Ele calculou o ponto inicial destes períodos ligando Apocalipse 13:18 com Daniel 11:31. O poder do Papado, substituindo o poder de Roma pagã, duraria 1290 anos (de 508 d.C. a 1798). Em 1798, o poder do Papado seria tirado, deixando 45 anos para a pregação do evangelho e para a preparação para a Segunda Vinda de Cristo. Miller partiu do princípio que o número da besta (666) se referia aos anos em que o quarto reino de Daniel teria domínio sobre os judeus e os cristãos.

O diagrama profético desenvolvido por Charles Fitch e Apollos Hale sintetizou, unificou e melhorou as posições milleritas sobre os tempos proféticos. Segundo o historiador Edwin LeRoy Froom, este diagrama representou um “claro avanço” sobre os diagramas anteriores. Talvez a sua omissão mais significativa tenha sido a ligação estabelecida por Miller entre Apocalipse 13 e Daniel 11, identificando o “contínuo” com o paganismo. Contudo, este diagrama manteve dois pontos essenciais:

(1) o ano 508 como o ponto de partida dos 1290 e dos 1335 anos; e (2) a harmonia desses períodos com os outros períodos proféticos do livro de Daniel.

A interpretação de Miller teve grande impacto no pensamento dos pioneiros Adventistas do Sétimo Dia, que mantiveram as mesmas datas para o início e o fim dos 1290 e 1335 anos. James White, Ellen White, Joseph Bates, Hiram Edson e outros pioneiros continuaram a defender a precisão do diagrama profético de 1843. Em novembro de 1850, Ellen White escreveu na revista *Present Truth*: “Vi que o diagrama de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor e que não deve ser alterado.”

Um artigo publicado por Hiram Edson na *Review and Herald* em 1856 mostra que os Adventistas do Sétimo Dia continuavam a adotar os cálculos de Miller para os 1290 e os 1335 anos e persistiam em ligar os tempos proféticos de Daniel 12 com as demais profecias temporais do livro de Daniel. Por exemplo, Uriah Smith escreveu na *Review and Herald* em 1867 que “a primeira visão, com o seu longo período de 2300 anos, estaria continuamente na mente de Daniel, e os outros períodos mencionados (1260, 1290 e 1335 dias) seriam apenas subdivisões do primeiro.”

A maioria dos modernos intérpretes Adventistas, com base na abordagem exegética, continua a apoiar a posição tradicional dos pioneiros. William Shea, um grande estudioso das profecias, abraça todas as pressuposições do historicismo Adventista. No livro *Daniel – A*

Reader's Guide, ele enfatizou que as profecias de Daniel “começam no tempo histórico do próprio profeta e se estendem ao futuro, após os dias do profeta.”

Shea fez uma cuidadosa análise dos 1290 e dos 1335 dias e concluiu que essa parte é “um epílogo ou apêndice das profecias de 11:2-12:4.” Segundo ele, a estrutura de Daniel indica que os períodos seguem sempre o relato da visão. Portanto, os componentes de tempo nunca são parte das visões, mas sim das explicações. Além disso, os tempos proféticos “estão ligados pelos eventos que eles descrevem” e “nunca datam novos eventos.”

No seu livro *Daniel – Seer of Babylon*, Gerhard Pfandl usou igualmente argumentos exegéticos para explicar os 1290 e os 1335 dias a partir de bases históricas. Ele apoiou a sua análise em três pontos. Primeiro, há um notável paralelismo entre Daniel 12:11 e 11:31, indicando que ambos os textos representam os mesmos eventos históricos.

Em segundo lugar, o conceito de “contínuo” (*tamid*) liga intimamente as passagens proféticas de Daniel 8:11, 11:31 e 12:11. Portanto, o significado da passagem prévia ajuda a esclarecer o significado das outras. Por fim, embora o anjo não tenha especificado a Daniel o ponto inicial dos 1335 dias, o contexto sugere que ele seja o mesmo dos 1290 dias.

Um ano depois da publicação do seu livro, Pfandl ampliou e enriqueceu os seus argumentos num opúsculo intitulado *Time Prophecies in Daniel 11*, dizendo que as profecias de Daniel são apresentadas “de acordo com o princípio da repetição e ampliação”, em que cada visão “é sempre seguida por explicações.” Assim, Daniel 12:5-13 seria um “epílogo” ou uma ampliação da visão precedente de Daniel 11, e não “uma nova visão com um novo tópico.” Além disso, ele defendeu que as palavras hebraicas *pala* (“maravilhas”) e *tamid* (“contínuo”) também ligam essas seções finais de Daniel com os eventos de Daniel 11 que dizem respeito às horríveis

blasfêmias pronunciadas pelo rei do norte. Pfandl concluiu que os 1290 e os 1335 dias começam com a conversão de Clóvis em 508 e terminam, respetivamente, em 1798 e 1843/1844.

Interpretação literal

A interpretação tradicional Adventista, que defende que as profecias de Daniel 12 devem ser interpretadas usando-se o princípio de um dia por um ano (conforme Lev. 25:8; Núm. 14:34 e Eze. 4:6 e 7) e recorrendo-se ao método historicista, permaneceu durante décadas sem ser desafiada. Contudo, uma série de estudos recentes feitos por teólogos e leigos mudou o panorama. Por um lado, alguns sugerem que esses períodos proféticos cubram um período literal no passado, que teria decorrido poucos anos após a morte de Daniel. Esta escola, que teve pouco impacto no pensamento Adventista, é conhecida como a escola preterista. Por outro lado, há um grupo mais recente que começou a enfatizar uma nova abordagem futurista para os





1290 e os 1335 dias. Mas esta metodologia não deve ser confundida com a escola futurista dos cristãos evangélicos.

Alberto Timm e Gerhard Pfandl consideram a interpretação futurista com sendo aquela que mais desafios coloca à escatologia Adventista. Ao que parece, Robert Hauser foi um dos primeiros a apresentar a ideia de um cumprimento futuro destas profecias. O seu pensamento encontrou eco em alguns membros Adventistas e, até, em alguns pastores e teólogos. Por exemplo, o Dr. Siegfried Schwantes, teólogo brasileiro, e Kenneth Cox, conhecido evangelista, defenderam um cumprimento literal desses “dias” de Daniel antes da Segunda Vinda de Jesus. Samuel Nuñez, um erudito na área do Antigo Testamento, também advoga essa interpretação.

Para Nuñez, os 1260, 1290 e 1335 dias são literais e se cumprirão no futuro, tendo início com uma lei dominical nacional (nos EUA) ou mundial. Segundo ele, há várias razões para se pensar assim. Uma delas seria a estrutura quiástica de Daniel 12, a qual indica que os versículos 1 a 6 e 8 a 13 têm que ver com os eventos do tempo do fim. Além disso, diz Nuñez, sempre que o Antigo Testamento usa as palavras *yom* ou *yamim* (“dia” e “dias”) com um número ordinal ou cardinal, a medida descrita é literal. Isso seria evidenciado pelo facto de que, ao apresentar os períodos simbólicos de Daniel 7 (*iddan*), Daniel 8 (*ereb boqer – tarde e manhã*), Daniel 9 (*shabuiim – semanas*) e Daniel 12:7 (*mo’ed – tempo*), o profeta nunca usou o termo *yom* (“dia”).

Para Nuñez, Daniel empregou a mesma estratégia literá-

ria em todas as visões: descreve a visão e, depois, menciona o período profético (7:2-14, 25; 8:3-12, 14, 26; 11:2-12:4, 7, 11, 12). Os únicos períodos que devem ser entendidos literalmente seriam os apresentados em Daniel 12:11 e 12. Porém, enquanto que nas três primeiras visões do livro (capítulos 2, 7, 8) a estrutura literária tende a ser simbólica, nos últimos capítulos (11 e 12) ela tende a ser literal. A expressão “homem vestido de linho” (11:6) indicaria que a visão de Daniel 12 deve ser entendida como apontando para o tempo do fim.

Esta abordagem ganhou algum apoio no meio Adventista, mas esse apoio foi pequeno quando em comparação com o apoio de que desfruta ainda hoje a visão historicista tradicional.

Interpretação idealista

A interpretação idealista, com a sua perspectiva multifocal, também representa o pensamento de uma minoria. Não teve muita aceitação a tese dos cumprimentos múltiplos defendida por Desmond Ford (o chamado “princípio apotelemático”), nem a abordagem literária de Zdravko Stefanovic. Ford propôs uma interpretação para tentar harmonizar todos os principais sistemas de estudo profético (historicista, preterista e futurista). Por sua vez, Zdravko defendeu uma abordagem idealista ou espiritual, que minimiza a aplicação histórica das profecias apocalípticas.

Desmond Ford analisou Daniel 12 usando um método histórico-crítico-gramatical-contextual. No prefácio do *Commentary of Daniel* escrito por Ford, o erudito F. F. Bruce observou que o teólogo Adventista redigiu a sua dissertação de doutoramento “com base na exegese primária do texto bíblico”, enquanto que no comentário ele explorou o “senso plenário” das visões de Daniel. Ford esboçou brevemente a sua posição a respeito dos 1290 e dos 1335 dias, dizendo que essas datas poderiam ser entendidas pelo princípio do dia-ano ou do dia-dia. Assim, estes períodos teriam dois cumprimentos completos. Para ele, a profecia cumpriu-se com Antíoco Epifânio e com as suas ações destrutivas no templo de Jerusalém. Um cumprimento secundário teria ocorrido ao longo da história da Igreja medieval, com “a supremacia do anticristo entre 538 e 1798.” Mas Ford não limitou os possí-

veis cumprimentos dessas profecias a estes dois eventos, pois haveria outro provável cumprimento nos últimos dias.

Recentemente, Zdravko Stefanovic, Professor do Antigo Testamento na Universidade de Andrews, escreveu um comentário sobre Daniel intitulado *Daniel – Wisdom to the Wise*, que recebeu elogios por apresentar novas perspectivas e, ao mesmo tempo, preservar a compreensão histórica Adventista. O autor dividiu o seu comentário em três partes principais. Primeiro, ele explorou os aspetos linguísticos, literários e históricos do texto original. Na segunda secção, ele fez uma exposição, apresentando o que o Daniel quis dizer. A última parte é um sumário do ensino do livro, explicando o significado do texto para hoje. Stefanovic distanciou-se das aplicações históricas das profecias de Daniel e, portanto, do seu significado simbólico.

Para ele, os 1260, os 1290 e os 1335 dias aparecem em progressão numérica, o que levaria

o leitor do livro a saber que uma aparente “demora” quanto à chegada do fim é possível do ponto de vista humano. Portanto, Deus não teria revelado a Daniel uma sequência histórica das suas ações, mas apenas informando que as Suas batalhas contra as forças espirituais antagónicas durariam mais do que Daniel e os crentes poderiam prever. Porém, nesse caso, Daniel seria um livro sem nenhuma ênfase profética e escatológica.

Conclusão

Depois de analisar todas as perspectivas apresentadas, podemos concluir que a abordagem simbólica historicista de Daniel 12:11 e 12 ainda é a interpretação mais plausível. Ela respeita a estrutura literária, contextual e temática do livro de Daniel. Conforme enfatizou Jean Zukowski na sua tese defendida na Universidade de Andrews em 2009, os anos de 508 e 538 destacam-se como datas-chave em que “os modelos de relacionamento entre a Igreja e o Estado e entre governantes e clérigos mudaram.”

A interpretação Adventista tradicional das profecias de Daniel continua válida e faz parte da nossa identidade escatológica. Contudo, aproveitando o conceito de “verdade presente” tão caro ao Adventismo, ela pode ser refinada para apresentar novos aspetos da profecia e sustentar a contínua expectativa da Segunda Vinda de Jesus. ✨

Abner F. Hernandez
Teólogo

Retirado da *Revista Adventista* brasileira de junho de 2015.

**BEM-AVENTURADO
O QUE ESPERA
E CHEGA ATÉ MIL
TREZENTOS E TRINTA
E CINCO DIAS.
TU, PORÉM, VAI ATÉ
AO FIM; PORQUE
REPOUSARÁS,
E ESTARÁS NA
TUA SORTE NO
FIM DOS DIAS.
DANIEL 12: 12 E 13**

APRESENTAÇÃO DE VOTOS DE BOM ANO

Júlia Cordas

Departamento de comunicação da ICAOD

No dia 5 de janeiro de 2017, uma delegação das igrejas do CAOD e de Oliveira do Douro foi recebida pelo Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, Dr. Dário Soares Freitas da Silva, a quem apresentou, em nome das duas igrejas, votos de um feliz ano e das maiores bênçãos de Deus para o desempenho das funções de que está incumbido. Na sequência de uma conversa em que foi reiterada a satisfação mútua pelas boas relações e pela colaboração existentes entre a autarquia e estas duas igrejas, foi entregue ao Senhor Presidente

um exemplar do livro missionário de 2016, *Enfrentar a Dor*, da autoria do teólogo Roberto Badenas. Uma oração feita pelo Pastor Edgar Justino, responsável pelas duas igrejas, fechou de modo muito significativo este agradável encontro.

A 15 de fevereiro de 2017, representantes das igrejas do CAOD e de Oliveira do Douro foram recebidos pelo Senhor Presidente da Câmara de Vila Nova de Gaia, Dr. Eduardo Vitor Rodrigues. Em nome das duas comunidades, expressaram os votos de que a liderança e a gestão da cidade se processem, neste novo ano, sob a orientação de Deus e desejaram ao autarca as maiores felicidades.

O Senhor Presidente, conhecendo de perto o trabalho social e educativo da

Igreja Adventista em Oliveira do Douro, manifestou a sua total disponibilidade para continuar a apoiar atividades relevantes que venham a ser desenvolvidas. Neste quadro, mostrou todo o interesse em poder continuar a contar com a comunidade Adventista em realizações de índole social e garantiu, desde já, a cedência do Auditório Municipal (a reinarugar brevemente, totalmente renovado) para a realização da festa de Natal, evento da responsabilidade das igrejas da zona de Gaia. À despedida, e em nome da comunidade Adventista da igreja do CAOD, foi feita a oferta de um exemplar do livro do teólogo Roberto Badenas, *Enfrentar a Dor*, livro missionário de 2016. ✍



INAUGURAÇÃO DA NOVA SALA DE CULTO DA IASD DO CAOD

Júlia Cordas

Departamento de comunicação da ICAOD

Foi no dia 18 de fevereiro de 2017, pelas 17:00 horas. Após quase dois anos de obras, que demoraram a arrancar e se atrasaram a finalizar, a igreja do CAOD pôde, enfim, inaugurar a sua sala de culto, completamente restaurada na sequência de danos causados por uma inundação. Foi uma cerimónia simples, porém cheia de significado. Dirigida pelo Presidente da UPASD, Pastor António Rodrigues, a celebração contou ainda com a presença do responsável pela Região Eclesiástica Norte, Pastor António Carvalho, e com os atuais e antigos membros da Administração do colégio. Como

convitados especiais, estiveram presentes os Senhores Presidentes da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Dr. Eduardo Vitor Rodrigues, e da Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, Dr. Dário Freitas da Silva.

Depois das boas vindas apresentadas pelo responsável pela ICAOD, Pastor Edgar Justino, o presidente da UPASD chamou a atenção para o papel essencial da igreja como agente de influência no seu meio de inserção. Por sua vez, os autarcas presentes enfatizaram a parceria sempre certa e disponível da comunidade Adventista para cumprir essa missão, quer tomando iniciativas, quer respondendo a solicitações da autarquia nas áreas social e educativa. Ambos manifestaram o seu orgulho (como afirmou

o Presidente da Câmara) por terem na sua autarquia uma comunidade como a comunidade Adventista. Para além destas alocações, houve ainda lugar para a evocação da história da Igreja do CAOD, apresentada pelo Dr. Samuel Grave, primeiro Diretor do Colégio, e para momentos de louvor e gratidão. O louvor através da música

foi manifestado nos cânticos congregacionais e nas intervenções de um grupo de jovens do CAOD e de Oliveira do Douro. A gratidão expressa dirigiu-se primeiramente a Deus e, depois, à família que garantiu os recursos materiais, bem como ao arquiteto que concebeu a renovação deste espaço dedicado ao Senhor. ✍





BATISMOS NA IGREJA CENTRAL DE LISBOA

Helder Ferreira
IASD Central de Lisboa

No sábado 18 de fevereiro de 2017, a igreja central de Lisboa teve o privilégio de ver os irmãos José e Maria Mateus entregarem a sua vida a Jesus numa cerimónia batismal conduzida pelo Pr. António Rodrigues. O culto

esteve a cargo da Dra. Hélia Mateus, que nos falou sobre “A Armadura de Deus”.

Os momentos especiais de louvor foram da responsabilidade dos jovens da igreja, que tiveram o cuidado de escolher os hinos preferidos dos jovens batizando, estreitando assim ainda mais o espírito de união em Cristo.

“Terei momentos difíceis na minha vida, mas sei que, com Deus, nada temerei. É uma honra saber que teremos o nosso nome no livro da vida”. Foi com este testemunho que José e Maria resumiram a sua decisão pelo batismo. ✨



DEDICAÇÃO DO NOVO SALÃO DA IGREJA DE TORRES VEDRAS

André Graça
IASD de Torres Vedras

O dia tão esperado chegou! No dia 4 de março, pelas 16 horas, o novo salão de culto da igreja Adventista do Sétimo Dia de Torres Vedras foi dedicado ao Senhor. Contámos com a presença do Presidente da UPASD, o Pastor António Rodrigues, e do Tesoureiro da UPASD, o Dr. Rui Dias, entre outros amigos queridos que quiseram estar presentes e partilhar a nossa alegria. Durante a

cerimónia, cada um de nós foi levado a refletir sobre o facto de que não é o edifício que faz a igreja. Esta é construída por todos aqueles que fazem parte dela. Para que isso aconteça, cabe a cada um de nós consagrar-se ao Senhor em cada dia, para que a Sua igreja possa ser uma luz na cidade de Torres Vedras. A responsabilidade é grande face à seara que está diante de nós. Mas trabalhe-mos confiantes na promessa que Deus nos deixou através de Paulo: “Pois se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31). Continua-



mos a orar para que Deus dirija esta igreja como tem feito até aqui, na esperança de que, em breve, também

esta casa se torne pequena para albergar todos os que nela quiserem adorar. ✨

VISITA DO DIRETOR DE COMUNICAÇÃO À IGREJA DE CORROIOS

Pr. Jorge Duarte
Diretor de Comunicação da UPASD

No dia 4 de março de 2017, o Diretor do Departamento de Comunicação da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, Pr. Jorge Duarte, visitou a Igreja de Corroios, tendo pregado durante o culto divino. Após um almoço de convívio com os irmãos desta igreja, realizou também

uma reunião da parte da tarde. Esta visita teve o intuito de transmitir aos membros da Igreja de Corroios o papel importantíssimo que a comunicação tem na vida da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Enquanto que no culto foi transmitida uma mensagem sobre como comunicar com Deus, na reunião da tarde foi apresentada a comunicação como parte fundamental da missão da Igreja. E, por fim, foram partilhados alguns testemu-

nhos de como os meios de comunicação da nossa Igreja, nomeadamente a Rádio

Clube de Sintra (RCS), tem espalhado a mensagem do evangelho no nosso país. ✨



BATISMO NA ILHA DO PICO

Pedro Glória
Pastor da IASD de Fetais da Piedade

O Sábado 11 de março foi um dia de solene festa espiritual. Houve grande alegria por parte dos irmãos da igreja no Pico, pois a igreja dos Fetais da Piedade encontrava-se cheia, uma vez que várias amigas que presentemente estudam a Bíblia aceitaram o convite. Tivemos que providenciar uma carrinha para os mesmos, dado que não foi possível levar todos em carros próprios. Que alegria ver todos aqueles rostos curiosos, sobretudo os rostos das

crianças que nos visitavam e que ocupavam os lugares da frente. Após os serviços normais de Sábado, seguiu-se o batismo do nosso querido irmão Adalberto Almeida, o qual se entregou inteiramente ao Senhor. Junto dele, desde manhã cedo, estavam presentes dois amigos, dos quais um já se encontra a estudar a Bíblia com o citado irmão agora batizado. (Que lição para a nossa Igreja em todas as partes!) No fim do apelo ouviu-se a voz de um amigo visitante que, de forma decidida, levantando a sua mão direita, respondeu: “Eu quero ser batizado!” Foi uma surpresa para todos nós. Este homem, na casa

dos 30 anos, é justamente aquele com quem o recém-batizado começara a estudar a Bíblia! Entretanto, vários outros seguiram o seu exemplo, ouvindo a voz do Espírito Santo. Entre eles estava uma criança de quase dez anos, no rosto da qual divisei um olhar singular. Deus estava visivelmente a tocar o seu coração infantil.

No total, cinco pessoas aceitaram o apelo para o batismo e outras cinco responderam ao apelo para estudar a Bíblia, a fim de tomarem uma decisão de forma consciente. Podemos louvar a Deus pelo resultado de muito jejum, trabalho e oração. Depois da cerimónia, tive-



mos um almoço convívio, após o qual conversámos, cantámos e nos recreámos juntos. Este foi um dia que perdurará na nossa memória, não só aqui, como na eternidade. Pedimos-lhe, caro Leitor, que ore pelo trabalho nos Açores, onde as igrejas estão algo isoladas do campo nacional e onde o número de membros ainda é bastante reduzido. 🌿

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

IASD ULTRAPASSOU OS 20 MILHÕES DE MEMBROS

ANN/RA

Pela primeira vez na sua história, a Igreja Adventista do Sétimo Dia ultrapassou os 20 milhões de membros. Em 31 de dezembro de 2016, a nossa Igreja tinha 20 008 779 membros registados, um aumento líquido de 882 332 pessoas, isto é, de 4,6%, quando comparado com o ano anterior. Em 2016, foram batizadas um milhão e duzentas mil pessoas, o que constituiu um número recorde. Uma explicação para este sucesso evangelístico encontra-se no “Envolvimento de Todos os Membros”, um novo programa criado pela Conferência Geral em 2016, que promove a participação de todos os membros da Igreja na tarefa de evangelizar o mundo.

Reagindo aos números que indicam o crescimento da Igreja, Ted Wilson, o Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, enfatizou que “O empenho dos leigos no programa ‘Envolvimento de Todos os Crentes’ tem sido crucial para explicar o que estamos a ver acontecer na Igreja mundial. O Espírito Santo está a conduzir os nossos membros a envolverem-se ativamente no testemunho pessoal e público”, disse Wilson.

As estatísticas indicam que a Igreja Adventista do Sétimo Dia está a crescer rapidamente. Houve um recorde de entradas nos últimos três anos, com 1 167 506 novos membros em 2014, 1 260 880 novos membros em 2015 e 1 314 950 novos membros em 2016. O maior crescimento de membros em 2016 ocorreu

na Divisão Centro Leste Africana, que recebeu 338 638 novos membros, passando a totalizar 3 502 462 membros inscritos. A Divisão Sul Africana-Oceano Índico registou o segundo maior crescimento, com 276 601 novos membros, passando a totalizar 3 747 573 membros inscritos.

Devemos também registar o aumento do número de igrejas implantadas. Em 2016 foram criadas 2655 novas igrejas. Isto significa a criação de uma nova igreja a cada 3,3 horas. “As estatísticas mostram que o foco da Missão Global na implantação de novas igrejas está a dar fruto”, disse Gary Krausse, diretor do escritório da Missão Global. Presentemente, a nossa Igreja tem 154 710 congregações espalhadas pelo mundo, o que inclui igrejas e grupos.



Embora tenha ocorrido um robusto crescimento do número de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia a nível mundial, houve também 352 722 membros que foram eliminados por morte ou apostasia em 2016. Ainda assim, este é o menor número de membros eliminados desde 2006. Perante este número de membros perdidos, os líderes da nossa Igreja estão a enfatizar a necessidade de se implantar programas que façam dos novos membros discípulos de Cristo, envolvendo-os na vida e na missão da Igreja. 🌿

DIA GLOBAL DA JUVENTUDE ADVENTISTA

ANN/RA

Milhares de jovens Adventistas do Sétimo Dia impactaram a sua comunidade em mais de 100 países no Sábado, 18 de março, durante o evento do Dia Global da Juventude Adventista. Dado que foram partilhadas fotos e vídeos nas redes sociais com a hashtag #GYD17, a campanha gerou um impacto de mais de 137 milhões de impressões no Facebook, Twitter e Instagram. Trata-se de um novo recorde no que toca à presença da nossa Igreja nas redes sociais. Sam Neves, Diretor Associado do Departamento de Comunicação da Conferência Geral e coordenador da estratégia para as redes sociais da iniciativa “Dia Global da Juventude”, disse: “Somos uma Igreja global: 20 mi-

lhões de membros, 924 línguas, 150 000 congregações em 208 países. O Dia Global da Juventude Adventista é a maior oportunidade que temos de viver a unidade, ao nos juntarmos para sermos as mãos e os pés de Jesus na nossa comunidade.”

O objetivo de serviço deste ano era doar sangue. Mas, os jovens Adventistas de todo o mundo encontraram outros modos de “ser o sermão” na sua comunidade. Os jovens na Austrália cortaram a relva do jardim dos vizinhos. Os jovens de Taiwan foram visitar idosos nos lares de terceira idade. Em Espanha, os jovens de Madrid organizaram uma Expo-Amor, onde os transeuntes podiam aprender mais sobre o modo de expressar amor pelos outros através da sua peculiar “linguagem do amor”. No Peru, os jovens participaram no auxílio aos afetados pelas



cheias que ocorreram recentemente no país. Os sofás de Sábado também foram um êxito no Dia Global da Juventude. Em vários locais na Grã-Bretanha, os jovens Adventistas colocaram sofás em pontos estratégicos de passagens de transeuntes. As equipas do sofá de Sábado promoveram o Sábado como dia de descanso ao convidar as pessoas que passavam na rua a se sentarem, fazerem uma pausa e conversarem um pouco.

O Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ted Wilson, também participou no Dia Global da Juventude nos Estados Unidos da América. “É algo poderoso neste tempo do fim, que antecede o regresso de Jesus, que se possa partilhar as mensagens dos três anjos de modo prático. As pessoas irão respeitar-nos muito mais se virem que nós fazemos o que apregoamos”, disse Wilson. ♣

A IGREJA ORA POR 400 000 BATISMOS NO QUÊNIA

ANN/RA

Mais de 4000 campanhas evangelísticas foram realizadas em março no Quênia como parte da iniciativa “Envolvimento Total dos Membros” promovida pela Conferência Geral. Os Adventistas no Quênia estão a orar para que todo este esforço missionário se traduza em 400 000 batismos durante 2017. Este grande número de batismos aumentaria em 45% o número de membros no Quênia em apenas um ano. Segundo os líderes da Igreja no país, só será possível alcançar este alvo graças à

bênção do Espírito Santo e ao envolvimento ativo de cada um dos 866 000 Adventistas do Quênia.

Este tipo de envolvimento total dos membros já é uma realidade no Quênia. “Durante o dia, os membros estão a servir a comunidade, a limpar a cidade, a fornecer assistência médica, a construir casas para os pobres, a doar cadeiras de rodas e muito mais. À noite eles pregam a Palavra de Deus”, disse Ramon Canals, coordenador na Conferência Geral da iniciativa “Envolvimento Total dos Membros”. Para alcançarem os 400 000 batismos, os líderes da Igreja no Quênia planearam

envolver cada membro de Igreja em algum tipo de atividade missionária.

O programa “Envolvimento Total dos Membros”, uma iniciativa da Conferência Geral que encoraja cada membro de igreja a partilhar a sua fé em Jesus, é responsável por ter feito subir para vinte milhões o número de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia em todo o mundo. Em 2016 foram batizadas 1 200 000 pessoas, incluindo 110 000 novos crentes que se batizaram na sequência da realização de 2000 reuniões evangelísticas no Ruanda em maio desse ano. Entretanto, a iniciativa “Envolvi-

mento Total dos Membros” espalhou-se pela Romênia, Ucrânia, Rússia e outros países do leste europeu, sendo que outras Divisões da Igreja em outras regiões do mundo estão a preparar-se para também a implementar

A ação missionária empreendida no Quênia é o primeiro passo para realizar o desejo dos líderes da Divisão Centro-Este Africana de replicar no seu território o extraordinário exemplo do que ocorreu no Ruanda em 2016. Outros países da mesma Divisão irão também começar os seus próprios programas de “Envolvimento Total dos Membros” este ano. ♣

Ellen G. White e a Bíblia

Já faz mais de um século que o dom profético de Ellen White tem sido uma bênção para a Igreja Adventista do Sétimo Dia e para aqueles que leem os seus escritos. Os benefícios de se seguir os seus conselhos têm sido numerosos e eles continuam a moldar positivamente a Igreja Adventista hoje. De facto, muitos Adventistas serão certamente céleres em sustentar que, se não fosse a voz profética de Ellen White, a Igreja Adventista não seria o que é hoje.

No entanto, muitas pessoas se interrogam sobre a relação existente entre os escritos de Ellen White e a Bíblia. Os Adventistas pretendem ser um povo que crê na Bíblia e que baseia as suas doutrinas e práticas apenas nas Escrituras. Como relacionamos os escritos de Ellen White com esta pretensão? Para nos ajudar a compreender a relação entre os escritos de Ellen White e a Bíblia, vamos explorar o que ela disse sobre a sua inspiração e sobre a relação existente entre os seus escritos e a Bíblia.

A natureza da inspiração

A inspiração e o ministério de Ellen White são semelhantes, de muitas formas, à descrição da inspiração e do ministério dos profetas bíblicos. Durante os tempos bíblicos, os profetas recebiam revelações de Deus que eram então passadas ao povo. Eles eram os porta-vozes de Deus (Amós 3:7; II Crónicas 36:15). Por vezes eles recebiam visões ou sonhos em que Deus lhes mostrava os acontecimentos que deveriam ocorrer no futuro (por exemplo, Daniel 2:19), mas outras vezes eles eram guiados pelo Espírito Santo para escreve-

rem um relato sobre acontecimentos que já tinham ocorrido (por exemplo, Lucas 1:1-4). As suas mensagens eram comunicadas por escrito (Jeremias 36:2) e também oralmente (I Reis 17:1).

Ellen White corroborou a obra dos profetas bíblicos e creu que eles eram guiados pelo Espírito Santo. “Deus decidiu comunicar a Sua verdade ao mundo através de agentes humanos”, escreveu ela na introdução ao seu livro *O Grande Conflito*, “e, Ele mesmo, através do Seu Espírito, capacitou homens e preparou-os para realizarem a Sua obra. Ele guiou a mente [dos profetas] na escolha do que deviam dizer e escrever.”

Ela também cria que Deus conduzira o seu ministério profético do mesmo modo que Ele conduzira os profetas bíblicos e que a sua própria inspiração não era diferente da inspiração dos profetas bíblicos.² Em 1881, ela comentou: “Não escrevo um artigo sequer, na revista, expressando meras ideias minhas. Correspondem ao que Deus me revelou em visão – os precio-

sos raios de luz que brilham do trono.”³ “Eu tenho toda a fé em Deus”, escreveu ela a G. A. Irwin em 1902, “Ele opera à minha mão direita e à minha esquerda. Enquanto estou a escrever sobre matérias importantes, Ele está ao meu lado, ajudando-me. Ele expõe o meu trabalho perante mim, e quando eu estou em busca de uma palavra adequada para com ela expressar o meu pensamento, Ele trá-la de modo claro e distinto à minha mente. Sinto que, sempre que eu peço, mesmo quando eu estou ainda a falar, Ele responde: Eis-me aqui.”

A relação com a Bíblia

Embora Ellen White pretendesse ser inspirada, ela nunca pretendeu que os seus escritos teriam a mesma função que as Escrituras. De facto, durante todos os seus longos anos de ministério, ela nunca se desviou da atitude de elevar a Bíblia como a única fonte de crença e de orientação para a vida cristã; ela via os seus escritos como um guia ou uma “luz menor” para ajudar as pessoas a compreenderem o valor da verdade bíblica.⁵ No seu primeiro livro, publicado em 1851, ela escreveu este importante comentário: “Recomendo-lhe, caro leitor, a Palavra de Deus como regra da sua fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos ‘últimos dias’ [uma referência ao seu ministério profético]; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica.”⁶ Em 1911, ela também clarificou mais amplamente a relação dos seus escritos

com a Bíblia. “O Espírito [uma referência aos dons espirituais dados à Igreja e, em particular, ao seu dom de profecia] não foi dado – nem nunca o poderia ser – para Se sobrepor à Bíblia; pois esta afirma explicitamente que a Palavra de Deus é a norma pela qual todos os ensinamentos e experiências devem ser aferidos.”⁷

Um conceito útil para nos ajudar a compreender a função dos escritos de Ellen White na sua relação com a Bíblia reside na comparação do seu ministério com o ministério dos escritores proféticos não canónicos dos tempos bíblicos. A Bíblia relata que um certo número de profetas foram chamados por Deus para proclamarem mensagens específicas ao Seu povo e as suas mensagens não tiveram lugar no texto canónico da Bíblia. É-nos dito que profetas como Semaías (II Crónicas 12:15) e Jeú (II Crónicas 20:34) escreveram livros que não foram preservados. Por alguma razão que nos é desconhecida, Deus não julgou necessário preservar os seus escritos no texto da Bíblia. No entanto, cremos que estes profetas foram tão inspirados pelo Espírito Santo como os outros profetas cujos escritos temos na Bíblia. De certo modo, o ministério e os escritos de Ellen White podem ser compreendidos de um modo semelhante ao ministério e aos escritos destes escritores não canónicos. Os escritos dela, como os deles, foram designados para uma audiência específica e para um tempo específico e não precisaram ser incluídos na Bíblia.⁸

Os primeiros Adventistas também se debateram para compreender a relação existente entre

a Bíblia e os escritos de Ellen White. Em 1874, um dos pioneiros da nossa Igreja, George I. Butler, resumiu a sua compreensão do assunto num artigo publicado na *The Advent Review and Sabbath Herald* (A Revista do Advento e Arauto do Sábado). Ele afirmou o seguinte: “Eles [os escritos de Ellen White] dirigem-nos para as Escrituras como a grande fonte de verdadeira instrução e para o exemplo de Jesus Cristo como o verdadeiro padrão. Eles nunca pretendem ter sido dados para tomar o lugar da Bíblia, mas simplesmente para ser a manifestação de um dos dons espirituais colocados na Igreja pelo seu Senhor divino; e como tal, devem ter o seu próprio peso.”⁹

Hoje os Adventistas do Sétimo Dia continuam a beneficiar muito dos escritos de Ellen White enquanto fonte de conselhos inspirados para a vida quotidiana no tempo do fim e beneficiam também do seu convite para fazermos da Bíblia a nossa única fonte das crenças cristãs. ✨

Denis Fortin

Professor de Teologia

Retirado da *Adventist World* de novembro de 2008.

1. *O Grande Conflito*, P. Servir, 2009, p. 10.
2. Veja *Testemunhos para a Igreja*, vol. 4, p. 148.
3. *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 67.
4. Carta 127, 1902, publicada em *Manuscript Releases* (Manuscritos publicados) vol. 2, pp. 156 e 157.
5. *The Advent Review and Sabbath Herald*, 20 de janeiro de 1903.
6. *Primeiros escritos*, p. 78.
7. *O Grande Conflito*, P. Servir, 2009, p. 11. Veja também *Testemunhos para a Igreja*, vol. 8, pp. 192 e 193.
8. Veja *O Grande Conflito*, P. Servir, 2009, p. 11.
9. *The Advent Review and Sabbath Herald*, 9 de junho de 1874.

O que é o pecado imperdoável?



“PORTANTO, EU VOS DIGO: TODO O PECADO E BLASFÊMIA SE PERDOARÁ AOS HOMENS; MAS, A BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO NÃO SERÁ PERDOADA AOS HOMENS. E, SE QUALQUER DISSE ALGUMA PALAVRA CONTRA O FILHO DO HOMEM, SER-LHE-Á PERDOADA; MAS, SE ALGUÉM FALAR CONTRA O ESPÍRITO SANTO, NÃO LHE SERÁ PERDOADO, NEM NESTE SÉCULO NEM NO FUTURO” (MATEUS 12:31 E 32).

A dificuldade desta passagem reside na compreensão da natureza do pecado que é descrito como sendo imperdoável. O que constitui uma blasfêmia contra o Espírito Santo ou o que é falar contra o Espírito Santo, e porque é este pecado considerado imperdoável? Se qualquer outro pecado e blasfêmia é perdoável, por que razão este não é perdoável? Por que razão é pior falar contra o Espírito Santo do que falar contra Jesus Cristo, o Filho do Homem?

Conflitos entre Jesus e os Fariseus. Precisamos de começar por verificar o contexto da passagem, para vermos do que estava Jesus a falar, a quem e em que circunstâncias. O nosso texto em Mateus 12 descreve um conflito entre Jesus e os Fariseus (Marcos 3:28

e 29 é a passagem paralela). O texto de Mateus começa com os Fariseus a confrontarem Jesus sobre o ato de se arrancar espigas e comer grãos de trigo no Sábado, o que eles achavam ser ilícito (Mat. 12:2). Depois Jesus entra numa sinagoga e cura um homem com a mão

mirrada. De novo os Fariseus O acusam de transgredir o mandamento do Sábado e, no fim do incidente, eles saem e conspiram sobre o modo como poderão destruir Jesus (vv. 10, 14). Jesus retira-se então e cura todos os doentes entre as multidões que O seguem, pondo-os de sobreaviso sobre não invocar a cólera dos líderes Judeus tornando as Suas obras conhecidas (vv. 15 e 16). No entanto, quando um homem cego e mudo possuído por um demónio foi trazido à Sua presença para ser curado e foi curado, o povo ficou espantado e não se pôde impedir de perguntar: “Não será este o Filho de David?” (vv. 22 e 23). Através desta pergunta retórica, eles estavam a afirmar

implicitamente que Jesus dava mostras de ser o prometido Messias. Quando esta afirmação soou aos ouvidos dos Fariseus, eles responderam: “Este não expulsa os demónios senão por Beelzebú, príncipe dos demónios” (v. 24). Eles não podiam negar o milagre, pelo que tentaram atribuí-lo aos poderes demoníacos (cf. Marcos 3:30). Jesus respondeu que tal não podia ser o caso, dado que uma casa dividida contra si mesma não pode subsistir (vv. 25 e 26). Em vez disso, Ele atribuiu os exorcismos realizados por Si à ação do poder do Espírito Santo, sendo tal ação uma prova de que o reino de Deus estava presente no meio deles (v. 28), apesar de os Fariseus o rejeitarem. “Quem não é comigo é contra mim”, declarou Jesus (v. 30).

A obra do Espírito Santo.

O conflito entre Jesus e os Fariseus é o contexto em que Jesus pronuncia as palavras do nosso texto. No grego, estas palavras começam com a expressão *dia touto*, que significa “por causa disto” ou “por esta razão”. Era a oposição desafiadora e persistente dos Fariseus a Cristo a razão porque Ele sentiu a necessidade de Se dirigir a eles de modo tão claro e enfático sobre os perigos da sua resistência ativa à obra do Espírito Santo no coração deles. Ao atribuir o poder de Jesus aos demónios, e não ao Espírito Santo, os Fariseus estavam a negar a obra do Espírito Santo no ministério de Jesus. É obra do Espírito Santo trazer a convicção do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8). Se a obra do Espírito Santo é persistentemen-

te resistida, o homem não pode desenvolver uma convicção sobre estes três aspetos essenciais para a salvação. O Espírito Santo convence as pessoas do pecado quando elas não acreditam em Jesus (João 16:9). Diante de provas insofismáveis, os Fariseus escolheram não acreditar em Jesus e procuraram todas as oportunidades possíveis para minorar a Sua influência sobre o povo e até para O destruir. Ao assim fazer, eles estavam a rejeitar a obra do Espírito Santo na sua vida. Eles estavam a endurecer o seu coração contra a Sua voz convincente e o resultado era que eles estavam a ficar cada vez mais insensíveis a essa voz. Não se pode falar contra o Espírito Santo e, ao mesmo tempo, permanecer sensível à Sua voz e continuar a responder à convicção que Ele procura comunicar.

Uma experiência semelhante pode ser descrita em I Timóteo 4:2, em que se fala sobre aqueles que têm a sua consciência cauterizada com um ferro em brasa, *i. e.*, tornada insensível às indicações do Espírito Santo. Em Hebreus 6:4-6, há um aviso muito sério contra alguém se afastar da verdade depois de ter sido iluminado ao receber o dom do Espírito Santo. É-nos dito que é impossível levar de novo estas pessoas ao arrependimento – embora, como Jesus ensinou em Mateus 19:26, o que é impossível para os homens ainda é possível para Deus – porque elas decidem, com pleno conhecimento da verdade, participar numa nova crucificação do Filho de Deus e envergonhá-Lo de novo. É isto o pecado imperdoável.

A natureza do pecado imperdoável. O pecado referido em Mateus 12:31 e 32 não é um ato de descuido, ignorância ou mero ceticismo, mas uma recusa, persistente e desafiadora, de aceitar a evidência indisputável do bom trabalho realizado pelo Espírito Santo, falando dele como se fosse mau e resistindo ao trabalho que o Espírito Santo quer realizar no coração. Falar mal de Jesus é um pecado perdoável (Mateus 12:32), mas deve-se ter cuidado em não falar persistentemente contra Aquele cuja obra é trazer a convicção do pecado. O único pecado que não pode ser perdoado é aquele que não é confessado e abandonado e para o qual não é buscado o perdão. Se estamos preocupados com a possibilidade de termos cometido o pecado imperdoável, essa preocupação em si mesma é uma prova clara de que o Espírito Santo está a convencer o coração de pecado e de que a pessoa não cometeu o pecado imperdoável, pois aquele que já cometeu o pecado imperdoável nunca se preocuparia com isso. O apelo encontrado em Hebreus 3:7-9 é pertinente aqui: “Portanto, como diz o Espírito Santo, se ouvirdes, hoje, a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto, onde os vossos pais me tentaram, me provaram, e viram, por quarenta anos, as minhas obras.”

Edwin Reynolds
Teólogo

Retirado do livro *Interpreting Scriptures*.



Anjos a trabalhar na África do Sul

Duas horas de estudo com um estranho

Ler não era a atividade preferida de Ida, mas uma história no seu manual da quarta classe deixou-a intrigada e impressionada. Intitulada “O Vendedor Ambulante”, tratava-se da história de Fletcher Tarr, um jovem criado na África do Sul durante o século XIX, ocupado no transporte de mercadorias para as minas de diamantes e que, no processo, descobriu a verdade sobre o Sábado. Enquanto lia, Ida sentiu a presença de Alguém de modo tão forte, que olhou para trás...

Conhecendo o pioneiro

David Fletcher Tarr, nascido em 1861, era o décimo segundo dos dezasseis filhos de James e Hannah (Brent) Tarr, piedosos cristãos Meto-

distas Wesleyanos. As famílias Tarr e Brent tinham escolhido a África do Sul para viver e estavam entre os que hoje são conhecidos como os “colonizadores de 1820”. Como novos

imigrantes, eles transformaram o mato num lugar a que podiam chamar “lar”, com edifícios, poços, jardins e uma igreja que ficava perto da colina a que chamavam Clumber.

Fletcher Tarr, um bom atleta e praticante de tiro ao alvo, amava a Bíblia. Assim, tornou-se professor da Escola Dominical aos 15 anos e, mais tarde, pregador leigo. Em 1887, o seu primo Albert Davies e a esposa decidiram transportar mercadorias num carro de bois para a mina de diamantes de Kimberly, que ficava a cerca de 1900 quilómetros a noroeste da sua casa. Algo naquele negócio atraiu Fletcher; algo que estava a chamar para o norte.

Jornada para o desconhecido

Com as carroças carregadas, eles partiram pelas estradas poeirentas. Semanas depois chegaram a Beaconsfield, nos arredores de Kimberley, no fim de uma tarde de sexta-feira. Em busca de um lugar para acampar e para os bois pastarem, Albert foi remetido para um lavrador chamado Pieter Wessels, que permitiu que eles ficassem na sua fazenda, desde que não fosse aí realizada nenhuma atividade que transgredisse o Sábado, que ocorreria nas próximas vinte e quatro horas. “O Sábado começa ao pôr do sol”, explicou ele.

Albert, impressionado com o facto de uma pessoa inteligente não saber que o Sábado tinha sido substituído pelo domingo, interrogou-o. Wessels mergulhou o jovem num estudo bíblico tão claro que Albert foi a correr contar ao seu primo a nova verdade bíblica que tinha aprendido.

Fletcher, que era um bom estudante da Bíblia, rejeitou simplesmente o que tinha sido ensinado por Wessels. No entanto, no dia seguinte, Wessels convidou Fletcher a pregar numa grande congregação do Exército de Salvação em Beaconsfield.

Na manhã seguinte, durante o tempo de devoção pessoal de Fletcher, um estranho apareceu na sua tenda. Fletcher convidou-o a entrar. O estranho queria estudar o que a Bíblia tinha a dizer sobre a santidade do primeiro dia da semana. Mas, depois de duas horas de estudo insatisfatório sobre a santidade do domingo, o homem desapareceu de repente. Fletcher nunca mais o viu. Nenhum residente da área o tinha visto antes. Fle-

tcher ficou convencido que o estranho era um anjo enviado para convencê-lo da verdade do Sábado. Após horas de oração e exame de consciência, decidiu guardar o Sábado. Agora compreendia porque tinha tido aquele senso de urgência quanto a viajar para o noroeste com o seu carro de bois. Deus mostraria através do ministério de Fletcher que aquela urgência não era apenas por causa dele.

Cerca de quatro meses mais tarde, Albert e a sua esposa foram batizados na água da barragem rural da propriedade do irmão Wessels. Depois disto, os estudos bíblicos conduzidos por Fletcher entre parentes e amigos, apoiados pela pregação do Pastor Hankings, resultaram na criação de uma forte igreja. Entre os novos conversos estavam cinco pastores locais. A casa de culto desta congregação, construída por Fletcher num terreno doado pelo primo Ebenezer Purdon, ainda é usada pelos Adventistas da área. Outra igreja que Fletcher ajudou a estabelecer em Beaconsfield é considerada hoje como sendo a primeira igreja Adventista do Sétimo Dia da África do Sul. Ela situa-se no mesmo local onde o anjo se encontrou com ele na tenda, naquela memorável manhã.

Serviço alargado

Em 1890, Fletcher e dois sobrinhos navegaram até à América do Norte para estudar na Faculdade de Battle Creek.



Em cima: Os cinco filhos de David e Olive.

Em baixo: Olive Phillips Tarr e David Fletcher Tarr

Fletcher conheceu então Ellen White, tendo esse encontro resultado numa forte amizade. Ele regressou à África do Sul em 1893, casado com Olive Phillips, que tinha sido enfermeira-chefe do Sanatório dirigido por John Harvey Kellogg. Sendo tão fluente no idioma xhosa como era no inglês, Fletcher trabalhou com a população nativa, deixando muitas vezes Olive sozinha na casa construída com chapas de ferro ondulado, que tinha apenas dois quartos e era insuportavelmente quente no verão e muito fria no inverno.

Uma noite, enquanto desidratava fruta na mesa da cozinha, Olive deixou a parte superior da porta aberta para ventilar a cozinha. De repente, apareceu um rosto assustador na porta.

Ela fechou e trancou rapidamente a parte superior da porta, correu para a janela aberta do outro lado da casa, gritou pelo seu cão “Peter” e conseguiu fechar no exato momento em que o homem ali apareceu. A janela ficou fechada, mas quando ela correu a cortina, uma pedra enorme partiu o vidro. Nesse momento, o cão lançou-se sobre o intruso e agarrou-o pelo fundo das calças. Gritando apavorado, o homem desapareceu na escuridão.

Com o tempo, o casal Tarr e o seu filho Percy mudaram-se para a Cidade do Cabo, onde Fletcher pastoreava uma igreja de língua inglesa e outra de língua holandesa. Depois veio o trabalho evangelístico e pastoral em várias cidades grandes, remunerado com o salário dos obreiros nativos de sete libras esterlinas por mês. Olive alimentava os seus cinco filhos a partir desse parco salário e quando os fatos estavam desbotados, ela desmanchava-os e refazia-os, virando-os do avesso, para que o tecido parecesse novo. Muitas vezes a família caminhava quilómetros em vez de apanhar o autocarro, de modo a economizar alguns centavos.

Por volta de 1916, para espanto dos líderes da Associação e do seu esposo, Olive aceitou um emprego oferecido pela cidade de Port Elizabeth, que consistia em supervisionar o atendimento às viúvas e aos indigentes. O seu trabalho nas colinas de Port Elizabeth trazia para casa cerca de três libras por semana. Mas a sua saúde ficou abalada. No entanto, quando ocorreu a epidemia de gripe de 1918, Olive foi nomeada enfermeira-chefe da cidade, devido à sua experiência no Sanató-

rio de Battle Creek. Ela também dirigia os cultos de Sábado em lugar de Fletcher quando ele estava fora em serviço, tocava o velho órgão, dirigia o coro e ocupava o púlpito.

Férias e adeus

Em 1921, Olive gozou as suas primeiras e únicas férias após vinte e quatro anos separada dos seus amigos e da sua família. Partiu então para os Estados Unidos. O seu antigo chefe, o Dr. Kellogg, notou que ela necessitava de realizar uma cirurgia e insistiu para que ela o deixasse operá-la. Depois das férias, ela voltou à África do Sul para servir por mais doze anos. Faleceu em 1933, no Leste de Londres, aos 63 anos.

Após a morte dela, Fletcher passou a viver alternadamente com os seus filhos e ainda pastoreava uma igreja. Os seus netos recordam as suas histórias cativantes e o seu compromisso total com a missão de partilhar a fé Adventista.

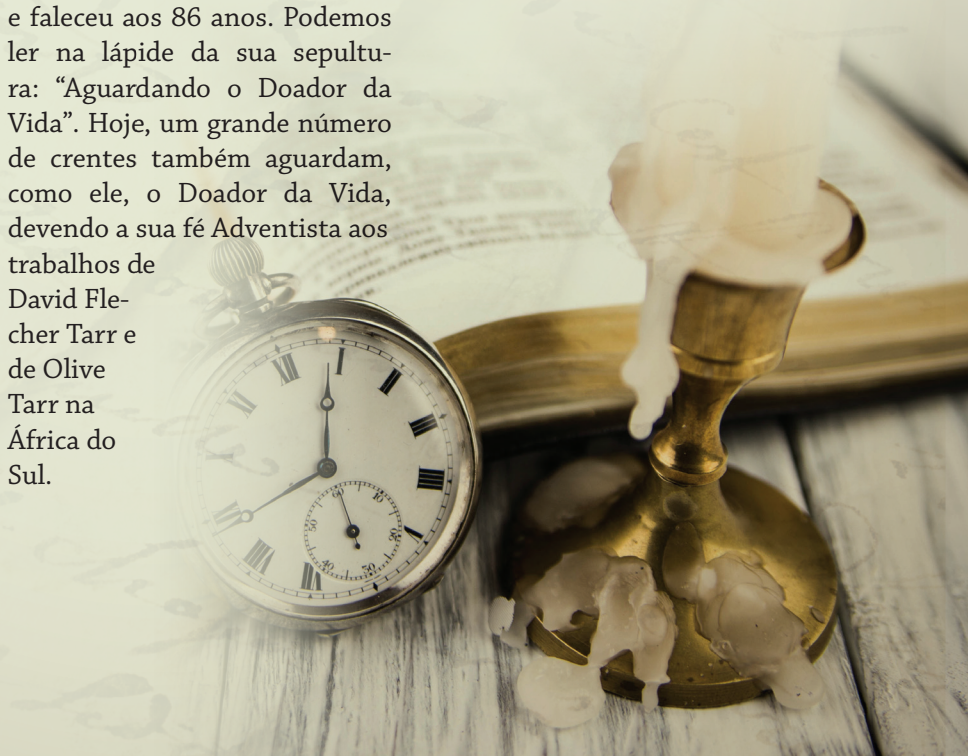
Quando morava em Durban, em 1947, contraiu pneumonia e faleceu aos 86 anos. Podemos ler na lápide da sua sepultura: “Aguardando o Doador da Vida”. Hoje, um grande número de crentes também aguardam, como ele, o Doador da Vida, devendo a sua fé Adventista aos trabalhos de David Fletcher Tarr e de Olive Tarr na África do Sul.

De volta à Califórnia

A pequena Ida cresceu e matriculou-se na Escola de Fisioterapia da Universidade de Loma Linda, esquecendo completamente a sensação estranha que sentiu quando lera a história de Fletcher Tarr. Em Loma Linda ela conheceu um estudante, David Otis, que também amava o Senhor. Casaram-se e formaram uma família. Certo dia, David descobriu entre os seus pertences um livro de leitura da quarta classe com a história do tetravô da esposa, David Fletcher Tarr, o primeiro Pastor Adventista do Sétimo Dia de língua inglesa na África do Sul. Ele mostrou a história a Ida e a mesma impressão que ela tinha sentido ao ler tal história há tantos anos voltou. Deve ter sido a presença do Espírito Santo observando a sua fascinação pela história que impactaria decisivamente o seu futuro. ✨

Elaine Tarr Dodd
Escritora *free-lancer*

Publicado originalmente na
Adventist World de abril de 2015.





Sangue no altar

Não muito depois de os filhos de Israel terem deixado o Egito, eles chegaram ao monte Sinai, onde Deus disse a Moisés: “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxo. 25:8).

Considere o contexto. Deus tinha acabado de os salvar no Mar Vermelho. Ele tinha-lhes dado água tirada da rocha e maná como alimento (Êxo. 16:14-16; 17:6 e 7). Ele estava ali “de dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para os alumiar” (Êxo. 13:21).

Portanto, como é que Ele podia “habitar no meio deles” ainda mais do que já o fazia?

O problema, claro está, não estava do lado de Deus, mas do lado dos filhos de Israel. No Egito, os deuses locais pareciam reais porque

os egípcios usavam representações visuais – imagens e, em alguns casos, até mesmo animais vivos – para os representarem. Para pessoas habituadas a tais ilustrações concretas, Yahweh, apesar de todos os Seus milagres, ainda parecia ser um Deus nebuloso e sombrio.

Foi este problema que suscitou o episódio do “bezerra dourado”. Moisés encontrou o povo a saltar ao redor deste ídolo e a gritar: “Israel, aqui tens o teu deus, aquele que te fez sair do Egito” (Êxo. 32:8 DB).

Nestas circunstâncias os simples altares de pedra que

serviam como centros de culto nos dias dos patriarcas não bastavam. Assim, Deus disse: “Que me façam um santuário para que Eu habite entre eles.”

O santuário era uma experiência

Concebido pelo próprio Deus (Êxo. 25:40), o santuário era um lugar de adoração que inspirava reverência; mas, mais do que isso, era um centro educativo. O santuário não era apenas um lugar, era sobretudo uma experiência. Todas as partes dele e todas as atividades que aí se realizavam foram concebidas para declarar e fortalecer a fé dos Israelitas e para clarificar algumas verdades essenciais acerca de Deus.

A função ritual do santuário, claro está, terminou; mas a sua função educativa não. Os rituais – envolvendo o candelabro, a arca, os altares e tudo o mais – continuam a ter lições profundas para nós.

O pecado e o santuário

Quando alguém peca, dois erros opostos podem tornar a situação ainda pior. O primeiro – que é, de longe, o mais comum – é minimizar e desculpar o pecado. Desculpas do tipo: “Toda a gente o faz. Ninguém é perfeito; e além disso, a culpa não foi minha.” O apóstolo Paulo escreveu que “o salário do pecado é a morte” (Rom. 6:23), mas a maior parte de nós não acredita realmente que a mentira que dissemos ontem pode ter, de facto, consequências fatais. O nosso orgulho, o nosso temperamento e os nossos maus pensamentos não são realmente algo preocupante para nós.

O erro oposto é ser-se esmagado por um sentimento de culpa e de vergonha. Isto acontece normalmente quando o nosso pecado resultou numa perda ou numa humilhação pública.

O santuário foi concebido para contrariar estes dois erros. Ele abriu a porta para o perdão, a restauração e a paz de espírito, mas também revelou que o pecado não era algo trivial.

Suponhamos que alguém em Israel cometeu um pecado e sentiu remorso e vergonha. Ele¹ sentiu-se condenado e separado de Deus. O que deveria fazer? Ele tinha que escolher um cordeiro ou um cabrito do seu rebanho e trazê-lo ao santuário.²

No centro do pátio estava um altar de bronze onde os sacrifícios pelo pecado eram apresentados a Deus.³ O pecador viria a este altar. Com o sacerdote ao seu lado, ele colocaria as suas mãos sobre a cabeça do animal. Este era um modo simbólico de transferir a culpa para o animal.



Depois, ele tinha de degolá-lo.

A seguir o sacerdote tocava com o seu dedo no sangue e colocaria uma nódoa de sangue numa das pontas do altar. A “ponta” era um pequeno ângulo elevado do altar. Este era o momento crítico, o instante do perdão concedido por Deus. A Bíblia diz: “E o sacerdote por eles fará propiciação, e lhes será perdoado o pecado.”⁴

Depois disto, o pecador podia ir para casa com o coração em paz porque tinha sido perdoado e a sua culpa tinha desaparecido. Mas ele não ia para casa a rir, sentindo que tinha escapado de boa. Ele não era tentado a pensar que o seu pecado era insignificante. Ele tinha testemunhado a agonia do animal moribundo. Ele sabia que “o salário do pecado é a morte.”

Sangue no altar

O pecador ia para casa perdoado, mas a nódoa de sangue no altar permanecia, prova visível do sangue que tinha sido derramado, da vida que tinha sido dada, e do preço que tinha sido pago. A nódoa de sangue era um recibo que dizia: “Plenamente pago, mas com um custo terrível.”

A nódoa de sangue era também a evidência de fé. Ela mostrava que o pecador tinha colo-

cado a sua confiança na provisão e aceite o sacrifício em seu favor.

O apóstolo Paulo diz que, no altar, Deus se justificava a Si mesmo (Rom. 3:25 e 26). Ele dava provas de que era justo. Ele estava sujeito a ser acusado de injustiça “por ter, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos” (Rom. 3:25 ARA).⁵

Quando vimos a Jesus pela fé, Ele perdoa os nossos pecados; Ele apaga os registos da nossa página e concede-nos vida eterna. Isto é a *nossa* justificação. O sangue no altar – o sangue de Jesus que foi derramado por nós – é a justificação *de Deus*. Esta é a prova de que Ele não ignorou a falta cometida. Ele não se limitou a dizer: “Deixa estar. Não me debes nada.” Fazer isso teria destruído o fundamental princípio de justiça no Universo. Significaria que a obediência era algo opcional e que a lei de Deus era dispensável. O resultado seria o caos.

Ritual e realidade

Os rituais do santuário eram como as notas de dinheiro, que apenas têm valor por causa daquilo que representam. A morte de animais não podia realmente compensar o mal causado pelos nossos pecados (Heb. 10:4). A

realidade que dava valor ao ritual era Jesus e a Sua morte na cruz. Porque Jesus pagou o preço do pecado, Deus podia ser, ao mesmo tempo, “justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rom. 3:26). Precisamente neste contexto, o apóstolo Paulo afirma que a justificação não é realizada pela eliminação da lei; pelo contrário, a justificação confirma e valida a lei (Rom. 3:31).

Todos os dias e uma vez por ano

No santuário, para além dos sacrifícios pelo pecado, as pessoas oravam, cumpriam votos, realizavam ações de graça, envolviam-se em ritos de purificação, dedicavam bebês e traziam as primícias das suas colheitas. Os sacerdotes auxiliavam-nas, oferecendo o sacrifício da manhã e da tarde, queimando incenso, aparando os pavios das lâmpadas do candelabro, celebrando o culto, cantando, ensinando e acompanhando as pessoas nos diferentes ritos.

Cada um destes ritos e serviços litúrgicos contribuía para se atingir um clímax. O culminar, o ponto alto, dos serviços do santuário chegava no nosso mês de outubro. Era a festa do Dia das Expições.

Dez dias antes do Dia das Expições, os sacerdotes tocavam as trombetas de aviso, comunicando a todos a necessidade de se prepararem. Para qualquer pessoa que tinha pecado e não tinha trazido um sacrifício, que tinha uma dívida e não a tinha pago, que tinha prejudicado alguém e não tinha pedido perdão – por outras palavras, para alguém que tinha algo pendente no santuário, esses dez dias eram um tempo de preparação.

Ele toma o nosso lugar no juízo

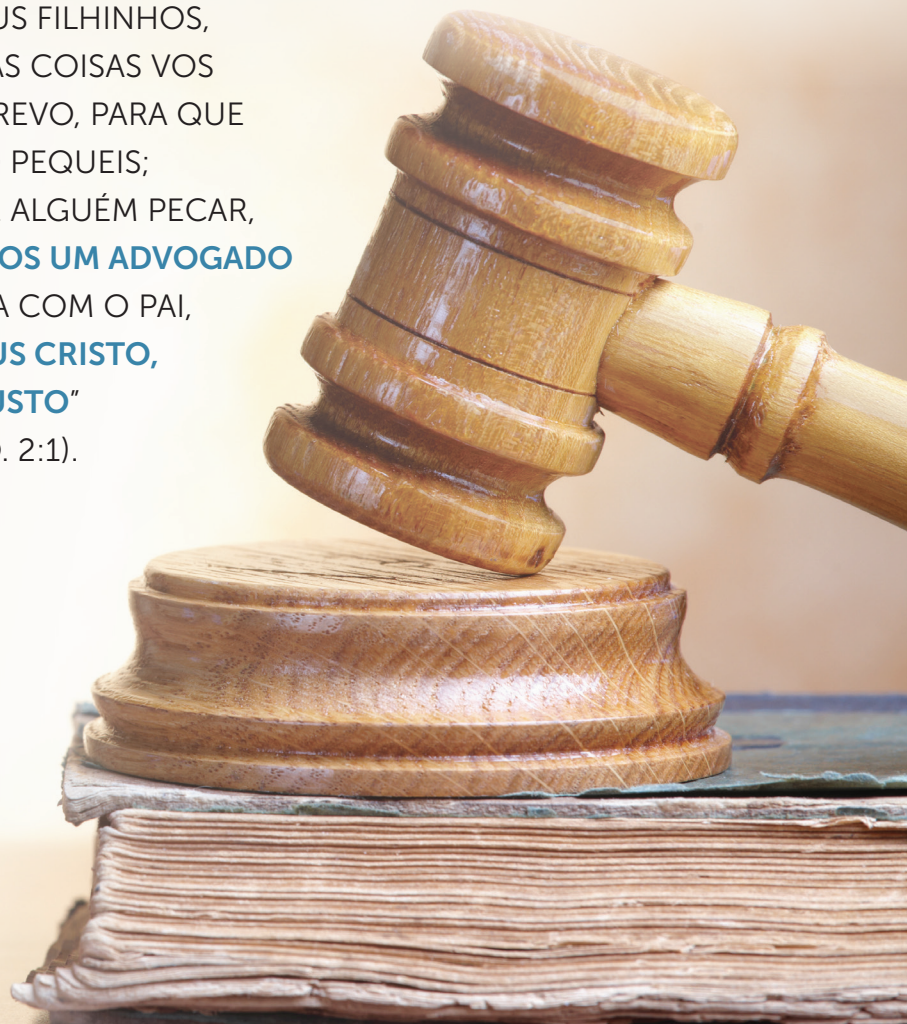
No antigo Dia das Expições, toda a gente em Israel passava em juízo diante de Deus, mas as pessoas não ficavam numa fila e entravam no santuário uma a uma para serem julgadas. Em vez disso, elas entravam todas juntas na pessoa de um único ser humano – o sumo-sacerdote. O sumo-sacerdote era o seu procurador. Ele entrava no santuário, não apenas *pelo* povo, mas *sendo* o povo. Ele era o seu representante no tribunal, mas não como um advogado moderno, que argumenta e suplica, tentando convencer o juiz de que o seu constituinte é inocente. Em vez disso, como seu substituto, ele tomava o lugar de todos os que

“MEUS FILHINHOS,
ESTAS COISAS VOS
ESCREVO, PARA QUE
NÃO PEQUEIS;
E, SE ALGUÉM PECAR,
TEMOS UM ADVOGADO
PARA COM O PAI,
JESUS CRISTO,
O JUSTO”
(1 JO. 2:1).

tinham trazido um sacrifício e que confiavam nos méritos do sangue derramado em seu favor. Ele tinha assumido a identidade deles e, com ela, a culpa deles.

Isto é representado na cena de juízo de Daniel 7. O profeta diz: “Eu continuei olhando, até que foram postos uns troncos, e um ancião de dias se assentou; [...] milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele: assentou-se o juízo, e abriram-se os livros” (vv. 9 e 10).

Quando Daniel viu esta cena de juízo, ele certamente deve ter pensado no Dia das Expições, pelo que não deve ter ficado admirado pela parte seguinte da visão, em que alguém semelhan-



te a um “Filho do homem” – isto é, uma figura humana – entra na sala do tribunal celestial. Este, deve ter compreendido Daniel, era o sumo-sacerdote. Apenas no Dia das Expições havia a entrada de um ser humano na sala do trono, o Lugar Santíssimo do santuário.

Esta identificação é confirmada quando Daniel vê que este Filho do homem não se senta como juiz. Ele entra depois de o tribunal estar em funções e depois dos livros de registo terem sido abertos. “E dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele” (v. 13). Em vez de se sentar, ele permanece de pé perante a tribuna do juiz.

Por que razão o Filho do homem/Sumo-Sacerdote está de pé perante o trono do juízo? Porque como substituto do povo, Ele é contado como pecador. Por causa deles, ele comparece perante o tribunal como réu, como se Ele mesmo estivesse a ser julgado.

As boas notícias são que o Filho do homem não comparece de mão vazias. Ele comparece depois de ter pago o preço pelo pecado. Através de um sacrifício sangrento – a Sua morte na

cruz, dado que o Sumo-Sacerdote, claro está, é Jesus – Ele obteve o perdão total para cada um dos pecados que simbolicamente carrega em Si. E é por isso que Ele vem para se apresentar perante Deus.

Nós falamos sobre justificação pela fé. A cerimónia do Dia das Expições está no seu cerne. Nós falamos sobre o evangelho. A palavra “evangelho” significa “boas novas”, e que novas podiam ser melhores do que estas: que Jesus Cristo, tendo tomado o nosso lugar na cruz, ganhou o direito a tomar o nosso lugar no juízo (Heb. 9:11 e 12)?

Todos os olhos no santuário

O santuário fazia parte da vida do povo todos os dias do ano, mas no Dia das Expições, todos os olhos viravam-se para o santuário de um modo especial. Todas as atividades seculares cessavam. Todos jejuavam. As pessoas que viviam longe demais oravam em direção a Jerusalém. Aqueles que viviam mais perto vinham em pessoa e reuniam-se ao redor do templo.

Ali elas esperavam em silêncio, porque o que se passava

no templo exigia a sua total atenção. A cerimónia do Dia das Expições era como uma auditoria, não para descobrir se alguém tinha pecado (sobre isso não havia dúvida), mas para mostrar quem se tinha valido da promessa do perdão – como um registo das nódoas de sangue destinado a mostrar quem tinha aceite pela fé o sacrifício, o sangue que tinha sido derramado em seu favor.

Afligir a alma

As pessoas reuniam-se ao redor do santuário e observavam a cerimónia com intenso interesse, mas elas eram mais do que meros espectadores. Enquanto o sumo-sacerdote entrava à presença de Deus por eles, eles tinham de “afligir” a sua alma. Isto significava um exame de consciência, uma recapitulação do ano, uma reafirmação da sua sinceridade e do seu arrependimento.

Os dez dias de preparação destinavam-se a acertar contas, pedir perdão e colocar as coisas em ordem. Mas quem se pode lembrar de todos os seus pecados? O pecado não é apenas uma

lista de coisas más que fizemos, mas uma condição que permeia a alma. A “aflição” era uma atitude de contrição, agarrar-se à misericórdia de Deus depois de ter feito um esforço autêntico e sincero para corrigir as coisas. Era esta atitude que tirava as pessoas do lado da rebelião e mostrava que elas aceitavam o perdão que lhes tinha sido livremente concedido por um preço tão terrível.

Qualquer pessoa que não se “afligisse” no Dia das Expições seria “cortada”, deixando de fazer parte do povo escolhido (Lev. 23:27, 29). Eles tornar-se-iam, de facto, gentios, “separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo” (Efé. 2:12).

Quem é que vai ser aprovado no juízo celestial, o grande Dia das Expições? Isso depende de duas coisas. A primeira é o sangue sobre o altar; isto é, a justificação, aceitar o perdão dos nossos pecados através da misericórdia e da graça de Deus. A segunda é a aflição da alma, uma atitude persistente de

arrependimento, sinceridade e contrição. Isto significa que nós não ficamos numa confortável aceitação do mal e que não estamos a desculpar o pecado ou a apegar-nos a ele – uma atitude que se relaciona estreitamente com a santificação.

Questões fundamentais

Há algumas questões fundamentais que devemos colocar-nos e colocar ao nosso povo:

- Hoje, enquanto soam as trombetas de aviso, coloquei eu as minhas mãos sobre Jesus, o meu sacrifício, a minha única esperança?
- Através de confissão sincera, pedi eu perdão pelos meus pecados e fiz tudo em meu poder para corrigir os meus erros?
- Estão o meu coração e a minha alma cheios de uma persistente atitude de arrependimento e contrição, ou encontro-me num estado de aceitação confortável do mal?

Lembre-se das palavras do apóstolo amado: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advoga-

do para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (I Jo. 2:1).

Sim, Deus habitava entre eles; e, através de Jesus, Ele habita também entre nós, hoje..

Loron Wade
Teólogo

Publicado originalmente na revista
Ministry de maio de 2016

1. Estou a usar pronomes masculinos porque são esses que a Bíblia usa. Não é claro se as mulheres também traziam sacrifícios ou se os homens sacrificavam por todos os membros da sua família.

2. Isto refere-se ao caso de um pecado cometido por uma pessoa comum. Se toda a congregação pecasse ou se o penitente fosse um governante ou um sacerdote, o animal sacrificado tinha de ser um touro e o seu sangue era levado para dentro do tabernáculo e aspergido na cortina diante do Senhor.

3. O altar de bronze tinha um metro e meio de altura e dois metros e meio de cada lado.

4. Esta expressão aparece dez vezes em Levítico, nos capítulos 4-6.

5. Paulo diz que através do Seu sacrifício, Jesus se tornou o *hilasterion*. Isto era o equivalente grego da palavra hebraica *kapporeth* usada no Antigo Testamento, que significa “propiciatório”. Refere-se à tampa da Arca da Aliança. Os profetas viam-na como representando o trono de Deus, onde Ele se sentava para julgar o Seu povo (Isa. 6:1; Jer. 17:12). Este era o epicentro do perdão.



E eis que era tudo *muito bom*

– Criação, morte e mal na Natureza

Como era o mundo quando Deus o criou? O relato de Gênesis provê repetidamente uma resposta concisa a esta questão: Tudo “era bom”; na verdade “era tudo muito bom” (Gén. 1:31).

A palavra “bom” aparece sete vezes no primeiro capítulo de Gênesis, contribuindo para criação de uma estrutura textual baseada na repetição do número sete.¹ Essa palavra é usada seis vezes para marcar o termo da criação de componentes individuais deste Planeta: a luz (1º dia; Gén. 1:4), o mar e a terra (3º dia; Gén. 1:10), a vegetação terrestre (3º dia; Gén. 1:12), os luminares no céu (4º dia; Gén. 1:18), as criaturas aquáticas e aéreas (5º

dia; Gén. 1:21) e as criaturas terrestres (6º dia; Gén. 1:25). O sétimo uso do termo “bom” (no final do 6º dia; Gén. 1:31) ocorre numa construção gramatical diferente – “eis que era tudo muito bom” – para descrever a natureza extremamente boa da totalidade da Criação.

O efeito desta progressão estrutural, com a sua conclusão num verdadeiro clímax, é transmitir uma ideia de ordem, perfeição e completude próprias da ação criativa de Deus.

Controlo de qualidade

A frase “era bom” em Gênesis 1 não descreve algo que Deus tenha dito, mas algo que Ele viu. Em termos gerais, uma estrutura em três níveis pode ser identificada no processo de criação de cada um dos “bons” entes criados: (1) Deus disse: “Haja...”; (2) o ente surge; e (3) Deus viu que ele era bom. Embora o “dizer” preceda a ação criativa e, portanto, expresse a intenção na mente do Criador, o “ver” é subsequente à materialização física do ente criado. Este “ver” de Deus não denota uma olhadela distraída e formal, mas transmite a impressão de uma avaliação abrangente, após a qual aparece a expressão “era bom” como um selo de certificação.

Esta “certificação de qualidade” é atribuída não apenas a cada com-



ponente individual do sistema, mas também à Criação como um todo, indicando a integração harmoniosa das partes eficientes do sistema natural da Terra desde o início.

O que significa “bom”?

Se o texto bíblico declara de modo tão claro que a criação original era boa, torna-se essencial compreender o que a palavra “bom” pretende significar. Será apenas um termo que descreve a eficiência impecável de um sistema criado pelo desígnio divino? Implica a ausência do mal natural (tais como fomes e desastres naturais)? E quanto à morte? Poderia Deus considerar “bom” um mundo que incluísse no seu funcionamento algum tipo de morte biológica?

O contexto imediato do texto oferece-nos uma resposta clara a estas perguntas. Depois do relato dos dias da criação, Génesis 2 introduz a ideia do “ainda não”, falando acerca de coisas que ainda não estavam presentes nesse mundo (Gén. 2:5 e 6).² Esta perspectiva cria uma tensão entre a criação originalmente boa e as coisas que apareceram depois.

Depois, Génesis 3 oferece-nos uma descrição de quando e por quê mudaram as coisas, como resultado do pecado. Aprendemos que as consequências do pecado incluíam a morte (Gén. 2:17; 3:19), estavam associadas ao sofrimento e ao trabalho penoso (Gén. 3:16-19) e afetaram de alguma forma os reinos inorgânico (v. 17), vegetal, animal e humano (vv. 14-19). Portanto, a própria estrutura do texto leva-nos a concluir que fenômenos

como a morte, a dor e a violência não faziam parte da criação de Deus que era originalmente “boa”.

Algumas teorias sobre a Natureza, como a ideia de que as modernas formas de vida são o resultado de milhões de anos de evolução, adquiriram uma tal respeitabilidade científica que alguns académicos cristãos tentam combinar essa perspectiva com o conceito bíblico de um Deus Criador.

Nestas tentativas, fenômenos como a morte, as catástrofes e a luta pela sobrevivência são explicados como componentes necessários do desígnio original de Deus. “A efemeridade, a dissolução, a morte, bem como a dor, o sofrimento e a perda que provocadas por elas, têm as suas raízes nas características básicas da Natureza”, escreve um académico evolucionista.³ “Qualquer Universo que tenha a sua própria integridade e o seu próprio dinamismo interno e seja material, relacional, interligado e evolutivo, ao mesmo tempo que está aberto a novas possibilidades, que é predizível e potencialmente pessoal, terá de ser deste modo.”⁴

Independentemente de quão atraentes intelectualmente estas perspectivas possam parecer, elas esforçam-se por apresentar o mal natural como uma parte constituinte do modo como Deus age. Esta posição é fundamentalmente oposta ao sentido do relato da criação do livro de Génesis, que está claramente focado em distinguir a criação originalmente

“boa” da nova economia ecológica que surgiu depois da entrada do pecado no mundo.

Uma pequena palavra com grandes implicações

Na beleza da sua simplicidade, a repetição da afirmação de que tudo o que foi criado era “bom” brilha como um farol face ao mar das perspectivas modernas, filosóficas e científicas, sobre as origens da Terra e da vida nela.

Quando reflito sobre a origem do mal natural, recordo-me que Deus atestou o caráter bom até dos componentes inorgânicos da criação original. Quando avalio as aplicações teológicas da Teoria da Evolução, não posso deixar de pensar na explícita aprovação por Deus dos sistemas biológicos tal como foram originalmente criados. Quando leio sobre a origem e o desenvolvimento da vida como uma longo processo de tentativa e erro, percebo a distância abismal que separa essa perspectiva da descrição bíblica de um sistema integrado – a biosfera terrestre – que, desde o início, “era muito bom”.⁵

Ronny Nalin
Cientista

Retirado da *Adventist World* de março de 2014.

1. Para uma discussão do uso do número sete em Génesis 1, veja-se U. Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis, Part One – From Adam to Noah* (Jerusalem: The Hebrew University/Magnes Press, 1961), pp. 12-15.

2. Para uma análise erudita da perspectiva do “ainda não”, veja-se J. Doukhan, “The Genesis Creation Story: Text, Issue and Truth”, *Origins* 55 (2004): pp. 22 e 23.

3. W. R. Stoeger, “Entropy, Emergence and the Physical Roots of Natural Evil” in N. Murphy, R. J. Russell e W. R. Stoeger, eds, *Physics and Cosmology: Scientific Perspectives on the Problem of Natural Evil* (Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 2007), vol. 1, p. 93.

4. N. Murphy, “Introduction”, in Murphy, Russell and Stoeger, p. xviii.

LANÇAMENTO



O Desejado de Todas as Nações

Ellen G. White.



LIGUE
21 962 62 00

LIVRARIA DA
SUA IGREJA

WWW.PUBLICADORA-SERVIR.PT

ACOMPANHE ESTA E OUTRAS NOVIDADES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

twitter.com/PSerVir

facebook.com/PSerVir